UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA COMO COMPONENTE DA GESTÃO PARTICIPATIVA.

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2012.

LIDIANE SANTOS BRITO

RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA COMO COMPONENTE DA GESTÃO PARTICIPATIVA.

Monografia de conclusão de curso, apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Drª. Ana Maria Freitas Teixeira

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2012.

LIDIANE SANTOS BRITO

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA COMO COMPONENTTE DA GESTÃO PARTICIPATIVA.

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia

Aprovado em: 09 / 10 /2012

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª Ana Maria Freitas Teixeira - Orientadora

Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Educação

_____

Profª. Dra. Silvana Bretas.

Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Educação

_____

Profª. Dra. Veleida Anahi Da Silva

Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Educação

SÃO CRISTÓVÃO

2012

Dedico este trabalho a todos que participaram da pesquisa, as famílias, os professores e gestores que dedicaram um pouco do seu tempo para responder os questionários, tornando essa pesquisa possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus porque, sem a presença dele não conseguiria alcançar os meus objetivos.

A minha família, em especial aos meus pais, Eliane e Genivaldo, minha vó, Maria Helena, meu irmão, José Eduardo e minha sobrinha, Maria Eduarda, por toda paciência e apoio no decorrer dessa trajetória e por ser fonte de inspiração para que eu continue prosseguindo em busca de meus objetivos.

A minha orientadora, Ana Teixeira, por todos os puxões de orelha e por ter acompanhado essa pesquisa do momento em que ela foi concebida até a sua conclusão. Através das suas orientações essa pesquisa pôde ser concluída.

A todos que participaram da pesquisa, através das suas contribuições essa pesquisa foi concretizada.

Aos meus amigos do trabalho pela compreensão e ajuda. As minhas amigas da Universidade Mônica de Oliveira e Mônica Modesto, por todo companheirismo e apoio.

Aos meus primos, João, Lais e Luciane por me apoiarem e escutarem nos momentos que mais precisei.

A todos vocês meus sinceros agradecimentos.

"A unidade familiar desempenha um papel crítico em nossa sociedade e no treinamento da geração por vir."

(Sandra Day O'Connor).

RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo analisar a relação família e escola como componente da gestão participativa. Sendo a família a primeira instituição social, na qual a criança aprende suas primeiras formas de socialização é imprescindível que os pais ou responsáveis estejam presentes na vida escolar dos seus filhos, tendo em vista o desenvolvimento da criança e do adolescente. Essa pesquisa procurou compreender a visão dos pais em relação aos mecanismos utilizados pela escola para que haja uma aproximação dos familiares no contexto escolar e a percepção dos educadores em relação à família dos discentes, no que diz respeito ao interesse que os pais demonstram em relação à educação dos seus filhos. Assim, essa pesquisa tem como resultado ratificar a parceria entre a família e a escola, na busca da construção da identidade e autonomia do aluno, dentro da perspectiva da gestão participativa.

Palavras chaves: Família-escola, aprendizagem, participação.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Proporção quanto ao sexo dos chefes das famílias entrevistadas (%).....38
Quadro 2: Perfil das Chefes de Família quanto a Faixa Etária.....39
Quadro 3: Perfil das Chefes de famílias quanto ao Estado Civil.....39
Quadro 4: Perfil das chefes de famílias quanto ao grau de escolaridade.....40
Quadro 5: Perfil das chefes de famílias quanto a renda familiar.....40
Quadro 6: Perfil das famílias quanto a relações entre seus membros.....41
Quadro 7: Perfil dos professores investigados quanto ao sexo.....45
Quadro 8: Perfil dos professores investigados quanto a faixa etária.....45
Quadro 9: Perfil dos professores investigados quanto ao estado civil.....46
Quadro 10: Perfil dos gestores investigados quanto ao sexo.....49
Quadro 11: Perfil dos gestores investigados quanto à faixa etária.....49
Quadro 12: Perfil dos gestores investigados quanto ao estado civil 50
Quadro 13: Perfil dos gestores investigados quanto ao tempo de experiência enquanto gestor da instituição.....50

Lista de fotos

Foto 1. Entrada da escola.....26
Foto 2. da quadra poli- desportiva.....27
Foto 3. da secretaria.....28
Foto 4. da sala de aula.....28
Foto 5. da cozinha.....29
Foto 6. do refeitório.....30
Foto 7. da biblioteca.....31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 11

CAPÍTULO I: RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA COMO COMPONENTE DA GESTÃO PARTICIPATIVA**.....**13

- Aspectos históricos sobre a relação família e escola.
- Os condicionantes da participação da família na escola.
- Condicionantes internos à escola.
- Condicionantes externos à escola.

- **CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....**24

- O campo de pesquisa: apresentação geral.

- Identificando os sujeitos da pesquisa.

- Os instrumentos para coleta de dados.

- Desenvolvimento do trabalho de campo.

- **CAPÍTULO III: RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: O QUE PENSA E O QUE FAZ A COMUNIDADE ESCOLAR E A FAMÍLIA.....37**
- Perfil geral dos investigados que participaram da pesquisa.
- A concepção das famílias no que diz respeito à relação com a escola e suas perspectivas quanto à educação dos educandos.
- O que dizem os professores pesquisados sobre a relação família e escola.
- Uma reflexão a partir das respostas dos investigados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....55

REFERÊNCIAS.....56

APÊNDICES.....60

INTRODUÇÃO:

Este trabalho de pesquisa buscou analisar a relação família e escola como componente da gestão participativa. A escolha desse tema está relacionada ao que vivencio no cotidiano do Colégio em que trabalho como vigilante, e por considerar que é preciso uma consciência política tanto da escola como da família para a construção de uma relação de parceria entre ambos. No entanto, para que esse processo possa ser efetivado é necessária que todos os sujeitos envolvidos reconheçam o papel educador que assumem nas relações sociais e escolares. Diante disso, é necessário entender: o que pensa e o que faz essa comunidade escolar e a família para que haja uma participação de fato.

Nos seus objetivos específicos, essa pesquisa procura analisar a importância da integração família e escola, conceituar teoria e prática da gestão participativa na escola e sistematizar os benefícios desta participação no desenvolvimento escolar.

Esse estudo foi desenvolvido em duas etapas, a primeira foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o referido tema, a segunda a pesquisa de campo, na qual foi feito um levantamento de dados sobre a escola e a comunidade, para que assim possa identificar alunos, professores e famílias que tem um perfil para participar da pesquisa.

Como instrumento para coletas de dados foram utilizados questionários semiestruturados, compostos por perguntas abertas e fechadas, que foram aplicados aos pais, professores e equipe diretiva da Escola investigada.

A problemática da pesquisa se insere no campo da sociologia e no debate que tem indicado que a participação dos pais no âmbito escolar influencia positivamente o processo de aprendizagem dos seus filhos. Com isso, é importante frisar que é direito dos pais interferir nas ações pedagógicas no ambiente escolar e não apenas nas prestações de serviço para o espaço físico.

No entanto, para que ocorra uma gestão participativa de fato, na qual todos tenham direito de intervir nas decisões da escola é necessário que seja desencadeado um processo em que todos sejam conscientizados da importância do lugar que ocupam para aprendizagem da criança.

A relação família e escola é um tema que vem sendo observado no âmbito da sociologia, sendo uma relação conflituosa. Por um lado os professores dizem que não percebem interesse por parte da família na vida escolar dos seus filhos, já os pais afirmam que os professores e gestores não estabelecem mecanismos para que essa

participação ocorra. Percebe-se então um comodismo tanto por parte da família, como por parte dos educadores, é nessa perspectiva que Demo (2001) aponta a problemática entre participação e envolvimento:

> Muitas desculpas são justificadas do comodismo, já que participação supõe compromisso, envolvimento, presença em ações por vezes arriscadas e até temerárias. Por ser um processo, não pode também ser totalmente controlada, pois já não seria participativa a participação tutela cujo espaço de movimento fosse previamente delimitado. (Demo 2001, p.19-20)

Foi dentro dessa perspectiva que tratamos o tema discutido no âmbito dessa pesquisa.

Para melhor apresentar o conjunto do trabalho organizamos o texto em três capítulos, o primeiro capítulo apresenta o debate geral em torno do papel da família e suas implicações para aprendizagem dos discentes, aspectos históricos, os condicionantes da participação da família na escola, os condicionantes internos e os condicionantes externos a escola, tendo como base os teóricos: Paro (2004), VASCONCELO (1989), Libâneo (2001), Penin (2002), Bourdieu (1992), entre outros.

O segundo capítulo, trata sobre os procedimentos metodológicos adotados para realização da investigação trazendo a apresentação geral do campo da pesquisa, identificação dos sujeitos da pesquisa, os instrumentos da coleta de dados e o desenvolvimento do trabalho de campo.

O terceiro capítulo retrata a análise dos dados coletados durante a pesquisa, discutindo o perfil geral dos investigados, as concepções das famílias investigadas no que diz respeito à relação com a escola e suas perspectivas quanto à educação dos educandos, bem como o que dizem os professores pesquisados sobre a relação família e escola.

Por fim, nas considerações finais, trazemos algumas conclusões elaboradas com base nos dados obtidos.

CAPÍTULO I
RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA COMO COMPONENTE DA GESTÃO PARTICIPATIVA.

A família como primeira instituição social desempenha papel importante na formação das crianças enquanto cidadãos. Desempenha, também, papel decisivo na educação formal e informal, pois é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDB) de 1996 reconhece que *"A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana (...) e nas movimentações culturais"* (art. 1º da Lei 9394/1996). Destaca assim, a importância da base familiar.

Segundo Szymanski, (2000) em estudos feitos pela psicologia percebe-se que desde Freud, a família é composta por pai, mãe e algumas crianças, correspondendo um modelo de família nuclear burguesa, essa por sua vez se contém na produção de pessoas saudáveis e equilibradas emocionalmente, ou como produtora de inseguranças e desvios de comportamentos. Ainda segundo a autora, a família que se afastava da estrutura do modelo era chamada de "desestruturada" "incompleta" e considerava-se os problemas emocionais que poderiam advir da "desestrutura" ou "incompletude". O foco estava na estrutura da família e não na qualidade das inter-relações.

Ainda segundo Szymanski (2000) a família sofreu algumas transformações ao longo da história. Com o surgimento da escola a preocupação com a igualdade e sentimento de família passou a ser valorizado pelas instituições no início do século XVIII quando começa a se delinear a família nuclear burguesa.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a estrutura da família tem mudado de forma expressiva. Isso se dá por todas as mudanças sociais, culturais e históricas, havendo um aumento de famílias monoparentais, na qual a mãe ou o pai assume a chefia da família isoladamente.

Ainda segundo o IBGE, considerando todas as capitais e o Distrito Federal, 58,3% dos escolares viviam em lares com presença de pai e mãe, variando entre 48,3% em Rio Branco e 62,8% em Curitiba. Os que residiam apenas com as mães perfizeram

31,9% do total, variando entre 25,6% em Teresina e 38,1% em Rio Branco. Apenas 4,6% dos escolares viviam somente com o pai. Neste caso, o menor percentual foi observado em Fortaleza (3,1%) e o maior (7,6%), em Porto Velho. Avaliou-se também a frequência dos escolares que viviam sem a presença da mãe e do pai na residência, que foi de 5,2% para o conjunto das capitais, sendo observada a menor porcentagem (3,5%) em Belo Horizonte e a maior (10,5%), em São Luís. Essas são características do modelo das famílias contemporâneas, esse modelo de família sempre existiu, no entanto antigamente isso se dava por causa da viuvez, hoje são vários os fatores para o aumento das famílias com esse modelo, como: o divorcio, a união livre, mãe solteiras, entre outros.

Diante disso, é necessário entender que cada família possui sua particularidade, criando sua "cultura" familiar própria. Com isso, é importante que a escola conheça essas particularidades, visando, desenvolver métodos que respeitem e valorizem a realidade de cada uma, no intuito de tê-la como aliada no processo cognitivo de seus alunos, pois é importante ressaltar que tanto a família, como a escola tem o proposito de viabilizar o desenvolvimento escolar do indivíduo.

De acordo com Bourdieu (1992), a herança cultual familiar teria o maior impacto na definição do destino escolar. Segundo ele a posse do capital cultural favorece no desempenho escolar. No entanto, observa-se que esse capital cultural está presente nas famílias mais favorecidas, visto que são os filhos dessas famílias que desfrutam de situação social privilegiada por terem acesso à cultura considerada como dominante e, assim, desfrutarem de maiores chances de sucesso no âmbito escolar. Por outro lado, é interessante ressaltar que para as crianças que pertencem às famílias menos favorecidas, a educação escolar emerge como algo ameaçador, distante do seu contexto cultural, já que a escola, nessas circunstâncias, seria uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar.

Contudo, percebe-se que a escola seleciona o aluno através da sua origem e herança cultural, onde os alunos das classes mais favorecidas contando com possibilidades maiores de êxito na trajetória escolar, enquanto aqueles originários das classes populares estariam submetidos a baixos rendimentos no seu processo de aprendizagem. Com isso percebe-se que a escola possui um papel importante na legitimação das desigualdades sociais.

Segundo alguns pesquisadores na área, a escola é vista como aparelho do estado a serviço das classes dominantes. De acordo com Bertan (2005) os modelos de educação

e de administração escolar são estabelecidos a partir da burocracia, da hierarquização, conforme os princípios da racionalização técnica, da eficiência, objetivando o preparo das classes populares à submissão. De acordo Paro (2005) Nas escolas públicas, especialmente nas que atendem os filhos das camadas mais pobres da população, está muito presente uma postura que toma a criança não como sujeito de aprendizagem e como elemento fundamental para realização da educação, mas como obstáculo que impede que esta se realize, lançando sobre os alunos a responsabilidade quase total pelo fracasso do ensino.

Ainda segundo o mesmo autor, Paro (2004), os professores da escola pública não têm um objetivo educacional voltado para as camadas trabalhadoras. O autor elucida que em décadas passadas à escola pública tinha por usuários os filhos das camadas altas e médias e que o objetivo educacional era prepará-los para ingressarem na universidade. Atualmente com a mudança de usuários das camadas altas e médias pelos filhos das camadas trabalhadoras a escola pública, na visão do autor, passa a não ter objetivo definido. Sobre esse assunto Paro ressalta:

> É preciso, pois, antes de mais nada, refletir a respeito da necessidade de um novo objetivo para a escola pública, já que nova é sua população usuária. Mas isto não significa reivindicar um ensino mais pobre para as populações pobres, no pressuposto de que estas podem se contentar com menos ou de que têm menos competência intelectual para se apoderar de um saber mais elaborado, mas sim buscar o provimento de um ensino adequado aos interesses dessa população, interesses estes que são diversos, e em muitos aspectos antagônicos, aos dos grupos que antes faziam uso da escola pública fundamental. Em vez disso, o que se constata é que a rede pública de ensino tem utilizado praticamente os mesmo currículos, os mesmos programas, os mesmos métodos e conteúdos, estes apenas mais "aligeirados" e distribuídos em períodos maiores, com a suposição de que a população pobre, por ser carente, é menos capaz, tem aprendizado mais "lento", precisando, pois, de maior tempo para aprender. (Paro 2004 p.87)

No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, artigo 3° inciso I indica que o ensino deve ser ministrado de acordo com os princípios de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Todavia é muito difícil falar em igualdade em um país profundamente marcado por desigualdades sociais. As famílias das camadas populares tiveram, no decorrer da história, o acesso à escolarização negado e por um longo período estiveram fora da instituição escolar e a maioria, quando consegue ingressar nessa instituição, tem dificuldade em manter-se nesse ambiente.

Diante disso, é necessária uma reflexão, no que diz respeito à função social da escola na sua relação com a comunidade. A escola é vista pela sociedade como uma instituição de ação educativa e é nesse intuito que a escola tem a função de estimular os pais em favor de uma educação pública de qualidade, independente do contexto social na qual a mesma está inserida.

A LDB em seu Art. 205 ressalta que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Isto significa dizer que de acordo com a Lei, a missão da escola é promover o desenvolvimento do educando, preparando para cidadania e para o mercado de trabalho.

Considerando a visão que os pais têm em relação ao conhecimento, percebe-se que eles valorizam e veem na educação a realização plena para seus filhos, enquanto cidadãos críticos e reflexivos. De acordo com Penin e Vieira (2002), entendendo o conhecimento como um valor especial hoje, a maioria dos pais procura propiciá-lo de todas as maneiras a seus filhos, mais até do que bens materiais.

Em virtude disso, é necessário que a escola tenha como meta enfrentar desafios, principalmente no que diz respeito à gestão da escola, tendo como um dos objetivos aprender a conhecer a clientela, para que assim possa estabelecer meios de ação que estejam de acordo com a necessidade da comunidade. É importante destacar que a escola não deve, e não pode, se manter a margem da sociedade, distante da realidade na qual está inserida.

No entanto, o que se percebe é que muito precisa ser feito para que, de fato, seja implantada uma gestão participativa no âmbito escolar, pois se por um lado os pais veem a escola como um universo desconhecido, por outro lado os profissionais da educação consideram que poucas famílias demonstram interesses pela vida escolar de seus filhos.

Fazendo uma reflexão sobre os problemas enfrentados na difícil relação entre a escola e a família, destaca-se a centralização do poder na mão do gestor, esse por sua vez é que toma as decisões no âmbito escolar, muitas vezes eles não têm o conhecimento critico do contexto social em que a escola está inserida. Diante disso a escola passa a ter uma postura autoritária.

Percebe-se que quando um diretor, cargo máximo na escola, se defronta com uma instituição que não dispõe de condições mínimas para realizar aquilo que se espera

dela, o que resulta na ineficácia das ações desenvolvidas, acaba se confrontando com a insatisfação dos pais, dos professores e dos demais funcionários. Sobre essa perspectiva Paro ressalta:

> O cargo de diretor tem valido a muitos diretores são preocupações, dores de cabeça, úlceras duodenais, tensões nervosas e quase nada de realização pessoal, quando percebem sua impotência para realizar, na escola, os objetivos de democracia e divulgação do saber com os quais por ventura sonharam e que esperavam concretizar com sua posição de comando na instituição escolar. Por isso uma real consciência crítica da situação por parte dos diretores deveria fazê-los rebelar-se contra essa migalha de poder, lutando por um efetivo poder para a escola, que seja aí distribuído entre todos os agentes e usuários. (PARO, 2005, pg.24)

Assim, considerando a importância da gestão participativa para o desenvolvimento da escola, na perspectiva da descentralização e democratização da educação mediante a participação de todos os envolvidos nas tomadas de decisões, é importante destacar a família como uma parceria relevante na construção de valores.

Entretanto, muitas vezes, a relação gestão escolar e família parece não sair do discurso, pois pouco se faz para que essa venha de fato a ocorrer, gerando assim dificuldades pedagógicas no processo de ensino aprendizagem, pois, como já foi dito, a família é muito importante para aprendizagem da criança na escola e sua ausência nesse processo traz problemas difíceis de serem resolvidos apenas pela instituição escolar. Para Libâneo (2001, p. 316),

> A família é parte integrante da escola. A partir do momento em que a escola é uma instituição da sociedade, nenhum componente da sociedade pode se omitir em contribuir com os projetos idealizados por ela. Como a família é à base de sustentação, pois é dela que sai os alunos, suas responsabilidades são ainda maiores.

Com isso, percebe-se que a integração da família com escola é vista como um fator imprescindível. Por isso a necessidade de uma gestão que vise atender essas expectativas, sendo papel dos responsáveis pela gestão promover um ambiente para que isso ocorra.

De acordo com, Lucky (2006, p. 17), é dever da escola, criar uma visão de conjunto associada a uma ação de cooperação; promover um clima de confiança; valorizar as capacidades e aptidões dos participantes; associar esforços, quebrar arestas, eliminar divisões e integrar esforços; estabelecer demanda de trabalho centrado nas ideias e não em pessoas; Desenvolver a prática de assumir responsabilidades em

conjunto. A participação no sentido pleno se dá através do esforço individual, visando à construção do espírito em equipe, no qual todos envolvidos tenham ciência do seu papel em função de desenvolver através da ação participativa um ensino de qualidade, com isso percebe-se também a melhoria nas relações sociais, pois com a família dentro da escola, a mesma passa a fazer parte de contexto social no qual adquire conhecimento. Segundo Weffort (1995):

> A escola que se abre à participação dos cidadãos não educa apenas às crianças que estão na escola. A escola cria comunidade e ajuda a educar o cidadão que participa da escola, a escola passa a ser um agente institucional fundamental do processo da organização da sociedade civil. (Weffort, 1995, p.99).

Aspectos históricos sobre a relação família e escola.

Nos dias atuais a escola vem sendo fragilizada pelo modelo organizacional da sociedade capitalista que foi construído historicamente no Brasil. Tal fragilização pode ser percebida na organização do sistema de ensino público deste país, onde de acordo com Casagrande:

> O ensino, no interior desta sociedade, tem cumprido o papel de qualificar a força de trabalho necessária ao atendimento das demandas de produção. Desta forma, a educação caracteriza-se como um processo de qualificação do trabalho em geral, produzindo uma força de trabalho capaz de gerar um valor de troca maior no mesmo tempo utilizado (s.d. p. 03).

Muitos pais – e aqui há uma referência às mães que desempenham o duplo papel de serem pai e mãe ao mesmo tempo – que possuem filhos na escola pública precisam trabalhar o dia inteiro e à noite ainda possuem um lar para administrar. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2006 o número de lares chefiados por mulheres era de 58,6%.

Aos olhos desses pais, portanto, todo o processo de ensino–aprendizagem deve estar sob a responsabilidade do diretor, que muitas vezes é visto como autoridade máxima da escola e dos professores. Entretanto, conforme aponta Francisco (2006) ainda nos dias atuais é possível encontrar situações onde, por vários motivos, a direção da escola é impotente às forças hierárquicas que a regem e o diretor acaba não passando de um funcionário cumpridor de ordens como qualquer outro. Essa impotência faz com que se associe à figura do diretor o negativismo e a ideia de incompetência.

> Nos dias de hoje, ainda é possível encontrar um modelo de direção da escola pública regido pelo órgão central, sem comando próprio no estabelecimento de ensino para determinar o seu destino. O papel do diretor nesse contexto é de guardião e gerente de operações. Seu trabalho constitui-se, sobretudo, em repassar informações, controlar, supervisionar e dirigir o fazer escolar de acordo com as normas propostas pelo sistema de ensino. Em consequência disso, o diretor neste papel é desresponsabilizado dos resultados de suas ações e respectivos avanços (FRANCISCO, 2006, p. 22).

Mas na realidade empírica não é bem assim, o único responsável pelo progresso da escola não é apenas o diretor ou o Estado, mas todos os que se acomodam com a situação que está posta neste modelo de sociedade, que não se preocupam em lutar por alternativas que propiciem a melhoria ou até mesmo a solução dos problemas enfrentados pela escola pública. Emerge aqui então, uma questão fundamental a ser discutida por toda a sociedade: como deve ser a gestão da escola?

Segundo Paro (2004) entende-se por gestão democrática uma direção onde o gestor atue democraticamente com todos os atores sociais envolvidos nesse processo. Na gestão de uma escola, por exemplo, uma gestão democrática deve envolver a participação daqueles que direta ou indiretamente estão ligados à escola. Isso inclui o diretor, professores, demais funcionários, alunos, pais e comunidade. A participação de cada um se efetivará no momento em que a direção compartilhar com todas as necessidades da escola. Por meio desta partilha de responsabilidades os envolvidos buscarão meios de resolução dos problemas para que se garanta um bom funcionamento da escola partindo de um consenso. Mas para que essa tão desejada participação possa ocorrer é necessário levar-se em consideração os fatores condicionantes que influenciam tal participação.

Embasando-se em Paro (2004), podemos considerar que a população que tem filhos na escola pública compõe, em sua grande maioria, a classe trabalhadora ou proletariado. Esta seria uma classe bastante poderosa na luta por seus direitos se se organizasse num amplo grupo em defesa de um mesmo ideal contra a classe dominante, todavia, esta luta não acontece. Os envolvidos (pais, professores, diretores, comunidade) seriam bastante fortes se conseguissem organizar um grupo que fosse a busca de algo considerado essencial para a escola, uma vez que um grupo é muito mais forte do que um indivíduo, neste caso, o diretor. Esse grupo, por exemplo, poderia ser as associações de bairro ou conselhos. (SILVA, p.01) define o conselho escolar como um espaço competente para a “análise do desempenho do aluno e do desempenho da própria escola

de forma coletiva propondo ações e intervenções para a melhoria da aprendizagem do aluno e da prática docente".

> Na medida em que se conseguir a participação de todos os setores da escola – educadores, alunos, funcionários e pais – nas decisões sobre seus objetivos e seu funcionamento, haverá melhores condições para pressionar os escalões superiores a dotar a escola de autonomia de recursos. A esse respeito, vejo no conselho da escola uma potencialidade a ser explorada. [...] [Esse] é um instrumento que existe e precisa ser aperfeiçoado com vistas a que se torne o embrião de uma verdadeira gestão colegiada articulada com os interesses populares na escola. Hoje, quando o diretor reivindica é fácil dizer-lhe 'não'. Tornar-se-á muito mais difícil dizer "não", entretanto, quando a reivindicação não for de uma pessoa, mas de um grupo, que represente outros grupos e esteja instrumentalizado pela conscientização que sua própria organização propicia (PARO, 2004, p.12).

Aqui o autor evidencia o quanto a participação na gestão escolar pode atuar efetivamente nas conquistas do progresso da escola. Entendem-se como conquistas a valorização da escola em seu espaço físico, ou seja, sua infraestrutura material e a qualidade de suas ações políticas e sociais.

Para consolidar a gestão participativa deve haver um esforço, por parte da escola, de criar meios que propiciem à sociedade uma participação fundamentada na construção de valores, pois esse é o caminho para a transformação. A escola precisa pensar numa gestão articulada com a participação da sociedade vislumbrando a elucidação da construção de valores éticos, políticos e sociais para que haja uma efetiva mudança nas ações dos vários atores sociais que compõem a escola, deste modo, os sujeitos envolvidos neste processo irão compreender o significado da sua participação. Gohn (2006) confirma este fato quando diz que

> A gestão compartilhada em suas diferentes formas de conselhos, colegiados etc. precisa desenvolver uma cultura participativa nova, que altere as mentalidades, os valores, a forma de conceber a gestão pública em nome dos direitos da maioria e não de grupos lobistas. [...] É preciso desenvolver saberes que orientem as práticas sociais, que construam novos valores, aqui entendidos como participação de coletivos de pessoas diferentes com metas iguais. (...) Entretanto, se não houver sentido nas formas de participação na área da educação, com projetos de emancipação dos cidadãos que objetivem mudanças substantivas e não instrumentais, corre-se o risco de se ter espaços mais autoritários do que já eram quando centralizados (Gohn, 2006, p. 36).

Os condicionantes da participação da família na escola

O que delineia a participação dos pais na instituição escolar são fatores condicionantes que podem ser internos ou externos à escola. Segundo Paro (2004) os fatores internos são os condicionantes materiais ou as condições de trabalho da escola; os condicionantes institucionais; os condicionantes político-sociais e os condicionantes ideológicos. Já os condicionantes externos são as condições de vida da comunidade; os condicionantes culturais ou a visão da população sobre a escola e sobre a participação e os mecanismos coletivos de participação.

Não adianta a escola realizar apenas um discurso de que a participação é importante, ela precisa, aos poucos, construir junto à sociedade um valor significativo acerca da participação. Só assim, compreendendo o real significado da participação na estrutura organizacional escolar é que as famílias irão perceber o quanto é importante para a melhoria do que está posto no sistema de ensino. Esse processo histórico que compreende a significação da participação é essencial porque é ele que irá fragmentar a má concepção que âmbito familiar constrói da escola através dos discursos e práticas que observam. Afinal, o discurso político da educação é um, mas a prática é totalmente diferente e esse fato faz com que, aos poucos, as pessoas deixem de acreditar na potencialidade da escola e da sua participação.

Paro confirma esta passagem quando diz que:

> Os discursos de nossas autoridades educacionais estão repletos de belas propostas que nunca chegam a se concretizar inteiramente porque, no momento de sua execução, faltam a vontade política e os recursos (tão abundantes para outros misteres) capazes de levá-las efetivamente a bom termo (PARO, 2004, p. 40).

Condicionantes internos á escola

Pode-se dizer que os condicionantes materiais se referem às condições objetivas em que se desenvolvem as práticas e relações no interior da escola. Isto é, as condições materiais da instituição de ensino influenciam, mas não determinam a falta de participação da família, uma vez que não basta à escola ter boas condições materiais, isto por si só, não é garantia de que haverá participação dos familiares do mesmo modo, a falta de condições, no que diz respeito aos recursos materiais não pode se tornar um pretexto para esta participação não acontecer. Pelo contrário, se houver entre a

comunidade o significado do valor da participação, este grupo tomará consciência das dificuldades e se unirá para desenvolver ações que possam superá-las.

Os condicionantes institucionais estão diretamente ligados à hierarquia que rege a organização formal da escola pública. Nesta hierarquia de relações verticais, geralmente o poder é centralizado na figura do diretor, como já foi dito anteriormente. Essa situação ocorre até mesmo nas escolas que adotam uma gestão democrática. Por conta desta centralização de poder é que, algumas vezes, a participação não ocorre ou ela corre o risco de se tornar impotente diante desta centralização.

Os condicionantes ideológicos fazem menção às "concepções e crenças sedimentadas historicamente na personalidade de cada pessoa e que movem suas práticas e comportamentos no relacionamento com os outros" (PARO, 2004, p. 47). As concepções ideológicas que cada indivíduo constrói ao longo de sua vida podem influenciar na participação, uma vez que são essas concepções que determinam as ações feitas por cada um. Dentre essas concepções está a da própria escola, o modo como esta se porta perante a comunidade, o modo como o diretor, os professores, os técnicos são vistos pelas pessoas e o modo como estes profissionais veem a comunidade.

Paro (2004) ressalta que a opinião dos profissionais que compõem a escola é de que os pais sofrem de diversas carências e por isso não se interessam pela educação dos seus filhos. Porém, os pais afirmam que não participam da escola porque dificilmente a escola os chama para falar da busca pelas soluções dos problemas existentes, mas sim para culpá-los pelas ações dos filhos. É necessário que a escola demonstre para a comunidade que está aberta para a participação e que todos podem contribuir para a sua melhoria. É preciso que haja uma relação de igualdade entre as partes.

Condicionantes externos à escola

No que concerne aos condicionantes externos à escola pode-se falar, inicialmente, das condições objetivas de vida da comunidade. Estas condições são mais um fator que influencia na participação, pois se referem ao modo como a comunidade vive. Muitas vezes, os pais não participam da escola não porque não querem ou pelos condicionantes citados acima, mas porque vivem em condições bastante precárias e, após enfrentarem um longo dia de trabalho não possuem disposição para ir até a escola prestar a sua participação. É enorme a quantidade de pais que trabalham o dia inteiro, pegam transportes coletivos lotados e quando chegam em casa ainda precisam arrumá-

la, cuidar da refeição do outro dia, ensinar a tarefa dos filhos, etc. Esta realidade reflete na limitada participação das famílias, sobretudo as famílias populares, na vida escolar de seus filhos.

Os condicionantes culturais se referem estritamente ao modo como a comunidade vê a escola e a participação. Paro (2004, p. 56) aponta que “no ambiente cultural em que se encontra a escola pública que atende as camadas populares, parece estar disseminada a ideia de uma falta de interesse dos pais pela educação escolar de seus filhos” e esta é uma das razões para o não envolvimento na participação da escola.

Por fim, existem os condicionantes institucionais da comunidade. Estes se definem nos mecanismos coletivos de participação que vislumbram a criação de mecanismos institucionais para fazer valer a participação como, por exemplo, a criação de associações de bairro, de pais e mestres, de conselhos escolares entre outros. Com a comunidade organizada na busca de um ideal a participação além de efetiva é capaz de resolver os problemas da escola e até mesmo, entrar em acordo com a hierarquia existente na mesma. Um fator que pode interferir nestes mecanismos é desigualdade social existente na própria comunidade, pois pode acontecer de o empregado não querer se misturar com o desempregado. Todavia, estes mecanismos apontam para o fato de que enquanto [as pessoas] se organizam e lutam por seus interesses comuns, aumentam as oportunidades de tomarem consciência mais profundamente de suas diferenças sociais e as consequências delas decorrentes, explicitando-se melhor seus interesses individuais conflitantes (PARO 2004, p. 66).

Para tanto a família dos dias atuais, como já foi ressaltado aqui, enfrenta dificuldades para integrar-se na dinâmica da escola. Porém, essa é uma realidade que não deve servir de motivo para a ausência de contatos entre essas duas importantes instituições sociais. É recomendável que as políticas públicas juntamente com os educadores, estabeleçam possibilidades que venham favorecer a inserção efetiva da família na vida da escola, tendo em vista que os objetivos educacionais comuns possam ser conquistados.

CAPÍTULO II
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Está pesquisa tem um caráter sociológico, sendo a mesma de natureza qualitativa. A metodologia da pesquisa, para Minayo (2003, p. 16-18) é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para permitir ao pesquisador uma maior aproximação e apropriação da realidade investigada.

A pesquisa qualitativa, no entanto, trata-se de uma apropriação da realidade que lida com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações sociais que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis puramente quantitativas. Contudo, é sempre recomendável evitar cisões radicais entre abordagens qualitativas e quantitativas sob pena de limitar a compreensão da questão estudada.

Assim, a pesquisa que desenvolvemos foi efetivada mediante a utilização de diferentes instrumentos de coleta e produção de dados sendo precedida e acompanhada de um levantamento bibliográfico, que serviu de suporte teórico para analise dos dados.

Para melhor sistematizar a apresentação das escolhas metodológicas que foram feitas ao longo da pesquisa indicamos, a seguir, alguns dos elementos centrais desse percurso.

O campo de pesquisa: apresentação geral

Foi definido como campo de pesquisa um Colégio Estadual Doravante identificado como Colégio, situada à Avenida Auxiliar II, Conjunto Fernando Collor, no município de Nossa Senhora de Socorro. Optamos por realizar a pesquisa nesse Colégio uma vez que é nessa Instituição que exerço o cargo de vigilante desde o ano de 2008, situação que veio a facilitar o desenvolvimento do trabalho de investigação.

O Colégio funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite) oferecendo o Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJAEF/ 2ª Fase). Atualmente a Instituição conta com 598 alunos na oferta regular do Ensino Fundamental, 312 no Ensino Médio, 129 alunos matriculados no EJA Ensino Fundamental no 1º semestre e 138 no 2º semestre. No total são 1177 alunos

matriculados.

A escola foi criada em 25 de março de 1994, pelo Decreto nº 14.456, mas para obter maiores informações sobre a história do Colégio foi necessário recorrer à memória e a vivência de uma funcionária antiga na Instituição, pois, apesar do auxilio prestado pelo Secretário da escola, não localizamos qualquer documentação que pudesse ser adotada como fonte para traçar um histórico breve da escola.

Assim, recorremos a uma funcionaria que trabalha na escola desde sua fundação, junto a qual realizamos uma entrevista informal onde a mesma nos concedeu seu depoimento sobre a história da Instituição segundo sua percepção. Segundo ela o espaço físico mudou muito no decorrer dos anos através de algumas reformas que mudaram significativamente a estrutura do prédio, como por exemplo: a entrada da escola foi deslocada para o que antes era o fundo do prédio, a quantidade de salas de aula foi ampliada, a cozinha também foi reformada e ampliada contando, hoje, com um espaço bem amplo.

Ela relata também que a escola já ofereceu ensino fundamental menor, afirma que alguns funcionários, mesmo sem ter concluído o Ensino Médio, já ministraram aulas, diante da falta de professores e da solicitação do diretor para que fossem para sala de aula. Foram vários os gestores que passaram por essa escola da fundação até os dias atuais. O quadro de funcionários da administração geral era terceirizado, mas em 2007 houve um concurso para essa categoria e hoje o quadro de funcionário é composto por concursados.

No que diz respeito à violência, algo que ainda é bastante marcante nesse espaço escolar, ela diz que o índice de violência diminuiu muito, pois a escola atendia e atende, porém hoje com menos frequência, a jovens com gravidez precoce, integrantes de torcidas organizadas e usuários de drogas. Em seus relatos ela diz que alguns alunos já foram até com facas para a escola, chegando a utilizar a arma nas brigas. No entanto, ela diz que essa situação de violência na escola se alterou, pois houve uma mudança significativa em relação à população que reside no entorno da escola: alguns se mudaram para outros bairros e outras pessoas chegaram com isso ela assinala que há um novo perfil do público que essa escola atende. Segundo a nossa depoente, atualmente os jovens estão mais calmos se comparados com a realidade anterior. Ela afirma que a escola também contribuiu para isso, através de palestras, na qual a comunidade foi convidada, gerando, em sua percepção, um processo de conscientização que influenciou para tal transformação. Percebe-se hoje que a escola, apesar de apresentar algumas

dificuldades relacionadas à questão da violência, experimentou mudanças significativas.

No que se trata do espaço físico no Colégio temos: uma sala de direção com banheiro, uma sala de secretaria com banheiro, uma sala de coordenação pedagógica, uma sala de professores com banheiro, uma sala para biblioteca, um laboratório, dezesseis salas de aula, uma cozinha com dispensa para alimentos, um deposito de almoxarifado, uma sala de artes, uma cantina, um refeitório, um banheiro feminino com 6 sanitários, um banheiro masculino com 6 sanitários, um pátio interno coberto e uma quadra poli- desportiva (descoberta).

Foto 1. Entrada da escola; Aracaju-SE, 22 de abril de 2012. Por Lidiane Santos Brito

[1] Não há nenhum documento que venha abordando o histórico da escola, todas essas informações foram coletadas através da vivência de uma funcionária antiga.

Foto 2. Quadra poli- desportiva (descoberta); Aracaju-SE, 22 de abril de 2012. Por Lidiane Santos Brito

Foto 3. Secretaria; Aracaju-SE, 22 de abril de 2012. Por Lidiane Santos Brito

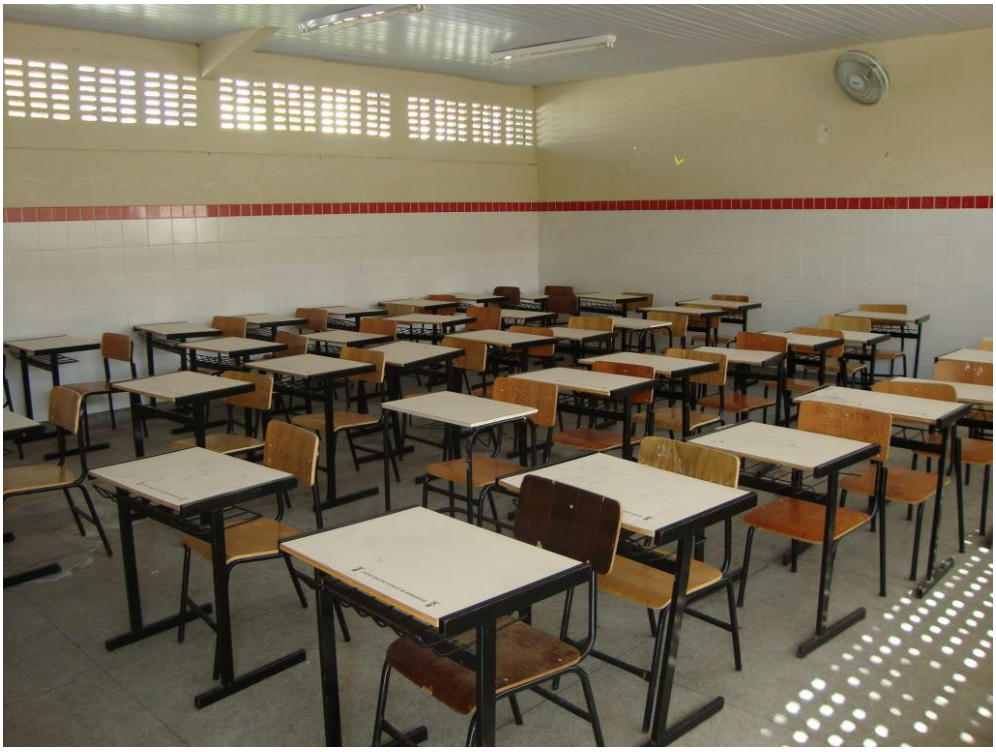

Foto 4. Sala de aula; Aracaju-SE, 22 de abril de 2012. Por Lidiane Santos Brito

Foto 5. Cozinha; Aracaju-SE, 22 de abril de 2012. Por Lidiane Santos Brito

Foto 6. Refeitório; Aracaju-SE, 22 de abril de 2012. Por Lidiane Santos Brito

Foto 7. Biblioteca; Aracaju-SE, 22 de abril de 2012. Por Lidiane Santos Brito

Quanto ao número de funcionários são, ao todo, 91 sendo: 01 diretor, 03 coordenadores, 01 secretário, 02 especialistas, 21 executor de serviços básicos, 08 oficiais administrativos, 06 vigilantes, 01 agente administrativo, 02 merendeiras, 01 ajudante de merenda, 45 professores. Quanto aos seus recursos financeiros a Instituição recebe o repasse do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) E Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE).

Para conhecermos os aspectos pedagógicos do trabalho desenvolvido pela escola, inclusive como elemento para melhor compreender as relações estabelecidas entre a escola e as famílias dos alunos, recorremos à leitura do Projeto Político Pedagógico (PPP). Vale indicar que o Projeto Político Pedagógico da escola teve início no ano de 2008 com a participação dos membros da equipe diretiva, comitê pedagógico e comitê comunitário.

A missão dessa unidade de ensino se encontra estabelecida no seu Projeto Político Pedagógico (2008-2010) e está assim definida:

- Promover de forma criativa e dinâmica o desenvolvimento da capacidade moral do educando. Transformando em ser pensante e critico. Capaz de tomar decisões e encontrar diferentes formas para resolver seus problemas.
- Contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, aptos a discernirem sobre consequências dos seus atos e respeitar as diferenças individuais a fim de que se combatam sentimentos vis que inibem a proliferação da prática da liberdade individual.
- Estimular a fraternidade humana promovendo meios para que os educandos se observem como irmãos, independentes de raça, nacionalidade, religião, classe social e convicção filosófica ou política.
- Respeitar os direitos constitucionais, os relativos à legislação educacional e aqueles pertinentes à criança e ao adolescente.
- Desenvolver no aluno atividades que propiciem a aprendizagem permanente e constante.
- Desenvolver metodologias de ensino que comtemple experiência e ações inovadoras, que respeitem a herança cultural do aluno e da comunidade da qual o colégio faz parte, e estimule atividades de expressão cultural e

> artística, de formação de grupo de estudos. (Projeto Político Pedagógico, 2008).

Sobre a proposta pedagógica adotada, cabe dizer que foi desenvolvida em conformidade com o regimento do Colégio, respeitando todas as leis que regem a educação nacional. Portanto, ela respeita, sobretudo, o cumprimento dos dias letivos e horas-aulas entre outras determinações estabelecidas pela Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB).

Levando em questão o PPP da escola há uma preocupação singular de velar pelos meios usados pelos professores para promoverem a recuperação para alunos de menor rendimento. Os educadores são orientados para avaliar permanentemente o aproveitamento dos alunos e assim quando for detectada qualquer dificuldade de aprendizagem, o conteúdo poderá ser retomado.

O acompanhamento e a reorganização do processo de ensino contempla a avaliação como instrumento para o desenvolvimento das atividades. A observação dos avanços e da qualidade da aprendizagem alcançada pelos alunos só será possível com uma avaliação contínua.

O processo da aprendizagem, que precede o da verificação do rendimento escolar, abrange todos os momentos e ações cujos objetivos visem à compreensão, memorização e correlação dos conteúdos programáticos com os demais saberes.

Ainda considerando o PPP, a verificação do rendimento escolar é realizada de forma contínua e diagnóstica, e tem por principio a garantia do desenvolvimento integral do aluno e sua promoção escolar.

A verificação do rendimento escolar é expressa em notas, numa escala de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), sendo 5,0 (cinco), a media mínima de aprovação. Não sendo atribuídas notas ao ensino religioso. A avaliação é feita de três formas: Prova escrita (70%) ou valor 7,0 (sete); participação (10%) ou valor 1,0 (um); trabalhos e pesquisas individuais e coletivos (20%) ou valor 2,0 (dois). Por unidade é exigida uma avaliação, sendo realizada recuperação após cada semestre para os alunos que tem média abaixo de 5,0 (cinco) e, ao final do ano letivo, além das 04 (quatro) avaliações, haverá uma recuperação final para os alunos que não obtiveram media igual a 5,0 (cinco), por componente curricular e em até, no máximo 03 (três) disciplinas.

A escola elabora anualmente o seu currículo pleno com base na legislação vigente e nas diretrizes emanadas dos órgãos competentes.

O currículo tem como base nacional comum, obrigatória em âmbito nacional,

uma parte diversificada para atender ao plano da escola e as diferenças culturais e regionais do aluno, obedecendo aos dispositivos legais vigentes. No desenvolvimento do currículo pleno, é observado: conteúdos programáticos mínimos, carga horária por componente curricular, métodos, técnicas e materiais de ensino-aprendizagem adequados à clientela, formas variadas de avaliação.

Quanto ao perfil geral da população atendida pela escola o PPP registra que a unidade atende uma comunidade de baixo poder aquisito (renda média das famílias é de um salário mínimo) com nível de escolaridade baixo. Alguns alunos apresentam comportamento violento, havendo alunos identificados como usuários de drogas. A incidência de gravidez na adolescência é bastante marcante e, devido a essa situação, são realizados projetos na escola, visando conscientizar os alunos e a comunidade sobre os problemas citados, com isso, percebe-se que já há um processo histórico construído pela escola para a melhoria na qualidade de vida na referida comunidade.

Apesar da abrangência do PPP do Colégio observamos que o documento não apresenta qualquer discussão sobre a relação família e escola.

Identificando os sujeitos da pesquisa

Considerando nossa questão de pesquisa definimos como sujeitos professores, a equipe diretiva e famílias de alunos do Colégio. Participaram, assim, da investigação dois professores do sexto ano B, duas famílias e a equipe diretiva que terão suas identidades preservadas.

O recorte direcionado a alunos do sexto ano deveu-se ao fato desses alunos estarem ingressando no Ensino Fundamental Maior e trazerem ainda as referencias do estágio anterior, qual seja Ensino Fundamental Menor. O sexto ano B foi escolhido por percebermos nessa turma um comportamento diverso de seus alunos.

Já quanto à definição dos dois professores do sexto ano B, é importante indicar que a escolha inicial não incluía esses docentes, mas devido à greve dos professores da rede estadual de ensino do Estado de Sergipe foi imperativo fazer adaptações e, nesse sentido, os professores que participaram da pesquisa foram aqueles junto aos quais podemos estabelecer contato durante a paralisação das aulas.

Os instrumentos para coleta de dados

Como instrumento de coleta e produção de dados adotamos os questionários que foram aplicados a todos os sujeitos da pesquisa, exceto aos alunos por conta da dispersão provocada pela greve dos docentes. Apesar disso foi possível levantar alguns dados sobre os alunos junto a Secretaria do Colégio.

O questionário semi-estruturado, segundo Minayo (2004, p.108) "combina perguntas fechadas (ou estruturada) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador". A organização dos dados foi feita através de técnicas quantitativa e qualitativa.

Os questionários foram organizados em blocos temáticos de modo a permitir uma melhor sistematização dos dados coletados quanto ao perfil geral dos sujeitos bem como quanto à percepção dos mesmos no que se refere à relação entre a escola e a família dos alunos. Associados aos questionários foram realizadas várias conversas informais no intuito de coletar outras informações que pudessem contribuir com a questão investigada.

O questionário aplicado junto às famílias (2 famílias) continham perguntas sobre: perfil geral da família, acompanhamento escolar de seus filhos, aspirações do futuro escolar dos educandos, opinião sobre a posição da escola em relação a sua participação e o significado da escola para a família. Um desses dois questionários foi aplicado na residência da família com a responsável, sendo a irmã a chefe da família, no que diz respeito à educação dos jovens, pois os pais faleceram e ela, por ser a mais velha, ficou com essa responsabilidade. O outro questionário foi aplicado na escola, já que essa mãe é funcionária da mesma.

O questionário aplicado aos professores foi composto por perguntas em torno de questões tais como: perfil geral, relação com as famílias de seus alunos, postura para estabelecer uma boa relação com os familiares dos discentes, dificuldades encontradas para estabelecer essa relação, visão sobre a postura da família na participação da educação das crianças e sua visão sobre os mecanismos utilizados pela escola para que haja ou não essa participação.

O questionário aplicado com a equipe diretiva trouxe questões relacionadas ao perfil geral dos investigados, o mecanismo que a escola utiliza para promover a presença das famílias, a visão em relação à família dos alunos e os maiores desafios

enfrentados pela escola.

Desenvolvimento do trabalho de campo.

Segundo Neto (2004, p. 51), o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento partindo da realidade presente no campo.

Como indicado anteriormente, inicialmente tinha escolhido outros sujeitos para realizar a pesquisa, no entanto por conta da greve dos docentes estaduais ficou inviável o contato com eles. Diante disso apliquei o questionário com os professores contratados que estavam presentes no Colégio. Em relação à aplicação dos questionários direcionados à família dos alunos só foi possível efetivar a aplicação junto àquelas que já tínhamos contatos prévios. Para os alunos a dificuldade de contato também se apresentou devido à greve e para traçarmos um perfil geral dos mesmos recorremos a alguns documentos na escola.

Como fica evidenciado encontramos algumas dificuldades para realizar o trabalho de campo, podemos citar como exemplos, a greve que impossibilitou o contato com os alunos e com os sujeitos escolhidos inicialmente, outro obstáculo foi o fato de alguns investigados apresentarem dificuldades em responder algumas perguntas e a falta de documentos que poderia ajudar na pesquisa. Ainda segundo Neto (2004, p. 54), vários são os obstáculos que podem dificultar ou até mesmo inviabilizar essa etapa da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada no mês de abril, nos seguintes moldes. Primeiro apliquei o questionário com os dois professores do sexto ano B, que após explicarmos o objetivo da pesquisa, aceitaram participar e responderam o questionário. Em seguida apliquei o questionário com a Diretora e com Secretário do Colégio que também participaram sem entraves. Ainda no mesmo dia apliquei o questionário com uma mãe de um dos alunos do sexto ano B. Como mencionado anteriormente, essa mãe trabalha na escola no mesmo turno em que nós trabalhamos. Nessa situação percebemos que a mãe encontrou certa dificuldade em responder o questionário, pois ela não entendia algumas questões e solicitava nossa ajuda sempre.

Sendo assim, levando em conta que essa pesquisa se propôs a analisar a relação família e escola como componente da gestão participativa, procuramos analisar a visão de todos os envolvidos sobre o referido tema.

CAPÍTULO III
RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: O QUE PENSA E O QUE FAZ A COMUNIDADE ESCOLAR E A FAMILIA

Nesse capítulo, apresentamos a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, na intenção de melhor compreender as questões relacionadas à relação entre família e escola, sem perder de vista a perspectiva da gestão escolar. Para tanto, os dados foram organizados e analisados com base nos três questionários aplicados junto às famílias, aos professores e, por fim, com a equipe diretiva da Escola.

Os questionários foram organizados em dois blocos temáticos, o primeiro vem tratando o perfil geral dos investigados, indicando, sexo, estado civil, idade, grau de escolaridade, dentre outras informações, permitindo assim traçar o perfil dos participantes da pesquisa.

No segundo bloco, questionamos como a família, os professores e a equipe diretiva se relacionam entre si. No questionário aplicado com as famílias foi indagado sobre a relação com a escola, o enfrentamento dos problemas apresentados pelos jovens nesse âmbito de ensino, a relação com os professores, entre outros. Junto aos professores foi questionado se eles conhecem as famílias dos alunos, os mecanismos utilizados por eles para que haja uma boa relação entre a escola e a família, a visão em relação ao papel dos pais e da escola no estabelecimento dessa participação dos pais no âmbito escolar, etc. Por fim, junto à equipe diretiva, exploramos questões relacionadas às reuniões, desempenho dos alunos, ausência/presença da família no contexto escolar, etc.

Assim apresentamos a seguir os dados coletados junto às duas famílias que participaram da pesquisa no intuito de traçar o perfil geral das mesmas, o olhar que elas têm em relação ao contexto escolar, as dificuldades que enfrentam para acompanhar a vida dos seus filhos na escola, etc. Com isso, pretendemos compreender alguns aspectos importantes ao foco da pesquisa.

Perfil geral das famílias que participaram da pesquisa:

Algo marcante na pesquisa foi o fato das duas famílias investigadas apresentarem mulheres como as responsáveis pelo o trabalho doméstico e o sustento do núcleo familiar, sendo elas os chefes da família, tal como indicado no Quadro 1 . De acordo com Lasch (1999), o lar moderno pressupõe uma radical separação entre a vida doméstica e o mundo do trabalho. Segundo ele:

> O culto à domesticidade do século XIX, como os historiadores o denominam, girava em torno de uma glorificação da maternidade. Mas a retórica a maternidade da vida doméstica não pode ser entendida como a descrição precisa ou completa da vida das mulheres no século XIX e no início do século XX. O trabalho doméstico e o cuidado dos filhos não exauriam a energia das mulheres. Pelo contrário, donas-de-casa e mulheres solteiras participavam de várias atividades que as faziam sair de casa. [...] A impressão de que as mulheres do século XIX estavam limitadas ao trabalho "doméstico" permanece inalterada, apesar do registro da ativa participação que elas tiveram no trabalho do "mundo" como elas mesmas gostavam de dizer.

Ainda nesse contexto, Bruschini (2000),

> Movidas pela necessidade de complementar a renda familiar ou impulsionada pela escolaridade elevada, menor número de filhos, mudança na identidade feminina e nas relações familiares, as mulheres procuram cada vez mais o mercado de trabalho (Bruschini, 2000, p.17).

Diante disso percebem-se os desafios que a mulher assumi hoje, pois observamos que elas desempenham várias tarefas na sua rotina: a mulher precisa trabalhar fora, cuidar da casa e participar da educação de seus filhos. É importante destacar que uma das investigadas é irmã do discente.

Para melhor apresentar os dados, chamarei, a partir de agora, de família A, a família em que a irmã figura como a responsável e de família B, a família em que mãe responde como chefe da família.

Quadro 1: Perfil das Chefes de Família investigadas quanto ao sexo

Chefe da Família	Sexo
A	Fem
B	Fem

Fonte: BRITO, 2012.

Em relação à idade percebe-se que a responsável pela família A, é jovem, segundo ela assumiu essa responsabilidade desde 21 anos, momento em que seu pai faleceu e quando se tornou mãe também. Ela afirma que hoje percebe o quanto isso atrapalhou no seu progresso, pois como tinha que cuidar dos irmãos e de seu bebê não tinha tempo para estudar e realizar atividades que a maioria dos jovens na sua idade são acostumados a praticar. Já a responsável pela família B, apesar de ser mais velha, afirmou que assumiu responsabilidade com a família ainda quando era bem nova.

Quadro 2: Perfil das Chefes de Família investigadas quanto a faixa etária

Chefe da Família	Faixa etária
A	25 a 30 anos
B	45 a 49 anos

Fonte: BRITO, 2012

Quanto ao estado civil a investigada da família B é divorciada. A investigada relatou que teve que assumir a responsabilidade da família sozinha, pois ela se separou do pai de seus filhos, com isso precisou trabalhar fora, cuidar das atividades domésticas e acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos, auxiliando nos assuntos escolares também. Outro aspecto que ela citou foi que era muito nova quando rompeu seu relacionamento, que sentia muito receio em criar seus filhos sozinha, mas diz que, fez tudo na medida do possível para que eles tivessem uma boa educação, no entanto afirma que passou por várias dificuldades, tanto financeira, como por falta de tempo para acompanhar a rotina dos jovens. É nessa perspectiva que Lavinas (1998) indica que muitas pesquisas têm insistido nas dificuldades que a instabilidade conjugal e a mudança na estrutura familiar têm provocado nos setores mais empobrecidos da população, nas quais a mulher passa a acumular, sozinha, funções de provedora e de responsável exclusiva pela esfera da reprodução.

Quadro 3: Perfil das Chefes de Família investigadas quanto ao estado civil

Chefe da família	Estado civil
A	Solteira
B	Divorciada

Fonte: BRITO, 2012

Quanto à escolaridade a responsável pela família A, não concluiu o ensino fundamental e a encarregada da família B concluiu o ensino médio, no primeiro caso a investigada diz que, ficou difícil estudar, pois precisou assumir responsabilidades cedo. Outro fator que cita como obstáculo a continuidade de seus estudos foi o fato de pertencer à família "humilde", pois diz que mesmo quando seus pais eram vivos precisou trabalhar cedo para ajudar em casa. Já na família B, que tem a mãe como responsável, ela diz que ainda pretende voltar a estudar, pois para ela o conhecimento é algo imprescindível na vida do ser humano.

Quadro 4: Perfil das Chefes de Família investigadas quanto o grau de escolaridade

Chefe da família	Escolaridade
A	Ensino fundamental incompleto
B	Ensino médio completo

Fonte: BRITO, 2012

Quanto à renda das famílias, observa-se que os membros da família A, sobrevivem com um salário mínimo, no entanto ela relata que o seu irmão de 17 anos ajuda nos gastos, já que ele trabalha como ajudante de pedreiro. A família B, sobrevive com 2 salários mínimos, no entanto a mãe relata que duas de suas filhas já trabalham e também ajudam nos gastos.

Quadro 5: Perfil das Chefes de Família investigadas quanto à Renda Familiar

Chefe da família	Renda familiar
A	1 salário mínimo
B	1 a 2 salários mínimos

Fonte: BRITO, 2012

No que diz respeito às políticas compensatórias, a responsável pela família A recebe o Bolsa Família[1], programa do governo federal, o qual segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome consiste na transferência direta de renda

[1] Informações mais detalhadas sobre o programa bolsa família podem ser obtidas no site: www.mds.gov.br.

que beneficia famílias em situação de pobreza. Para obter o recebimento dessa Bolsa são colocadas algumas exigências aos demandantes, uma delas é garantir que os filhos frequentem as aulas, pois aqueles que ultrapassam certo limite de faltas são desligados do Programa. Segundo a chefe de família que recebe esse beneficio, ela utiliza esse recurso na educação das crianças.

Quanto à ocupação a integrante da família B é funcionária pública e a da família A é dona de casa, no caso da investigada A, sobrevivem 11 pessoas com um salário mínimo e com o benefício do Programa Bolsa Família, já a família B é composta por 6 pessoas e sobrevivem sem nenhum benefício do governo com uma renda de 2 salários mínimos.

Quando questionei como era a relação entre os membros da família as duas chefes de família afirmaram que era boa, no entanto argumentaram que existem alguns problemas, porém, segundo elas normais, no âmbito familiar.

Quadro 6: Relação entre os membros da família

Chefe da família	Relação
A	Boa
B	Boa

Fonte: BRITO, 2012

Percebe-se, nas famílias investigadas, que as duas famílias tem como principais responsáveis pela educação das crianças mulheres, algo marcante, pois são dois casos distintos, porém podemos perceber dificuldades em ambas as famílias. No caso da família A, fica nítida a falta que a participante sentiu dos pais, já no caso da família B, ela afirma que acha importante a presença de um pai no cotidiano, principalmente na fase da adolescência, quando, segundo ela, é a mais difícil educar sozinha. Percebe-se então a ausência da família nuclear composta por pai, mãe e filhos.

As duas famílias são de baixa renda e podem ser caracterizadas como famílias de camada popular, moram em residências simples, onde habitam várias pessoas num espaço restrito, dispõem de baixa escolaridade, etc.. A baixa renda familiar está ligada, segundo as participantes, a falta de escolarização.

Concepções das famílias investigadas no que diz respeito á relação com a escola e suas perspectivas quanto à educação dos educandos.

Os dois alunos que participaram da pesquisa estão cursando o sexto ano B. Segundo a responsável da família B, quando seu filho está com problemas na escola, ela dá uma surra e coloca de castigo, vai à escola conversar com os professores e conversa com seu filho, pois ela acredita que esses mecanismos ajudam a educar o jovem de maneira eficaz. No caso da família A, ela vai à escola e conversa com o professor para ver o que está acontecendo e com isso tomar alguma atitude. Percebe-se que sem orientação adequada uma das mães utiliza atitudes de coerção para tentar apoiar a escola, tentando através disso, corrigir o comportamento de seu filho, no entanto a mãe afirma que os resultados não são positivos, pois diz que, geralmente quando seu filho está com mau comportamento na escola mesmo ela castigando, a situação parece ficar mais grave. Diante disso, Hübner e Marinotti (2000), afirmam que, essas dificuldades, aliadas à baixa frequência de comportamentos infantis reforçados (já que a probabilidade de comportamentos adequados nessa situação pode ser baixa), podem gerar comportamentos infantis de esquiva e de fuga da situação. As crianças, portanto, podem se recusar a ir à escola, podem mentir dizendo que não têm tarefa de casa, etc. Os pais, então, podem castigá-las por seu comportamento e um novo ciclo se inicia.

No que diz respeito à relação das famílias com a escola, a chefe da família A, afirma que para ela é ruim, pois não existe nenhum interesse por parte dos dirigentes para que haja essa participação. Levando em conta que a responsável pela família B trabalha na escola, ela afirma que isso contribui para que ela fique mais próxima da realidade no contexto escolar dos seus filhos, no entanto, ela diz que concorda com a entrevistada A, pois não vê interesse para que tenha essa aproximação entre os pais e a escola.

Quando foi questionado se as responsáveis conheciam os professores dos jovens, a participante da família A, respondeu que não, já a integrante da família B, afirmou que sim, porém, mesmo trabalhando na escola considera que o seu contato com eles é bem reduzido.

Em relação ao encontro com o professor, perguntei quais eram os assuntos que conversaria com ele se elas o encontrassem: tanto a chefe da família A como da família

B responderam que perguntariam sobre o comportamento e sobre o método apresentado pela escola.

Tanto a família A como a família B disseram que comparecem às reuniões ao serem convocadas. Com isso, podemos observar que há algum interesse por parte das famílias quanto à vida escolar dos seus filhos, no entanto não podemos afirmar que o fato delas irem as reuniões as caracterizam como "mães preocupadas com a aprendizagem de seus filho".

Quando questionadas sobre como contribuem em casa, no processo de aprendizagem do seu filho (a), a família A respondeu que conversa com ele considerando que essa é a melhor forma de orientar o discente. A responsável pela família B, afirma que acha importante mostrar para seus filhos a importância da leitura e incentiva e estimula nos estudos. É importante ressaltar a importância do auxilio dos pais para o desenvolvimento cognitivo de seus filhos, nas suas relações sociais, na formação do cidadão. É nessa perspectiva que Durkheim assim define a educação:

> A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial à criança particularmente se destine. (1978, P, 41)

Em relação à conduta das duas famílias investigadas sobre os problemas que seus filhos podem vir a ter na escola, a família A respondeu que briga com seu filho já a família B, não respondeu.

Sobre a articulação família e escola, tanto a família A como a família B, responderam que a escola deveria envolver com mais frequência os pais em seu cotidiano. Percebe-se que ambas as famílias acham importante que a escola utilize mecanismos que venham aproximar a família da escola, para que assim ela participe com eficácia da vida escolar de seus filhos. Diante disso fica claro que a escola deve estabelecer estratégias para aproximar os pais do seu âmbito de ensino. É nesse contexto que Vasconcelos (1989, p. 80) indica:

> Uma das melhores formas de se atingir a família é através dos próprios filhos; daí a relevância da escola desenvolver um trabalho participativo, significativo, em que realmente o aluno se envolva e entenda o que está sendo proposto para ele. Desta maneira, o próprio

> filho terá argumentos para ajudar os pais a compreender, a proposta da escola.

Perguntei o que as chefes de família fazem quando os filhos têm resultados negativos na escola, as duas famílias disseram que conversa com o professor e com a criança. Em relação a como elas avaliam as reuniões da escola, a família A respondeu que é um momento de orientação aos pais sobre como contribuir no processo de aprendizagem dos seus filhos, a família B além de concordar com a família A considera que é um momento em que os pais são ouvidos.

Sobre trabalhos voluntários, questionei se elas já tinham participado. A família B afirmou que sim; já a família A diz que nunca participou. A família B afirma que há trabalho voluntário na escola; no entanto a família A diz que não conhece nenhum trabalho voluntário.

Quando questionei sobre o que é para elas a função social da escola, a família A respondeu que é moldar o comportamento do sujeito num processo progressivo, à família B além dessa alternativa afirma também que a escola deve contribuir para o desenvolvimento global do ser humano. É nessa perspectiva que, Libâneo (2005, p.117) observa que:

> Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos os domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos.

Por fim, perguntei como é a relação delas com os professores e outros funcionários, as duas famílias responderam que é boa. Percebo uma contradição na fala da responsável pela família A, pois ela afirmou que já entrou em atrito com umas das coordenadoras, no entanto diz que tem um bom relacionamento, mesmo sem muita aproximação.

Além das famílias, participaram, também, da pesquisa dois professores do sexto ano B, a participação deles foi de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que através das respostas apresentadas por eles pudemos entender alguns aspectos sobre a relação família e escola.

Perfil geral dos professores que participaram da pesquisa:

Inicialmente, através de questões abertas foi levantada a formação dos docentes, a instituição de formação e se possuíam (ou não) pós-graduação. Um dos professores respondeu que é graduado em Geografia pela Universidade Tiradentes (UNIT), possui pós-graduação em Didática do Ensino Superior e em Escola-Comunidade (*Lato senso*). O professor de Educação física respondeu que é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e não possui pós-graduação. Eles relataram que não adquiriram subsídios suficientes para que ministrem aulas, afirmam que falta mais prática nos cursos de formação de professores, relatam que por conta disso precisam procurar recursos nos livros didáticos para lecionar. Diante dessa perspectiva pode-se afirmar que a formação dos professores é algo que vem sendo discutido no âmbito da educação, uma vez que os docentes reclamam com frequência dos cursos de licenciatura, pois segundo eles oferecerem muita teoria e quase nenhuma prática. Diante disso, Dewey (1976) afirma que a teoria serve de bússola para o aprofundamento da experiência, contudo uma experiência só será verdadeiramente educativa, caso se fundamente no princípio da continuidade e da interação.

Percebe-se que os dois professores investigados são do sexo masculino.

Quadro 7: Perfil dos professores investigados quanto ao sexo

Professor	Sexo
1	Masculino
2	Masculino

Fonte: BRITO, 2012

Em relação à idade os docentes, são jovens, no entanto os dois já possuem uma boa experiência na área, algo que será discutido no decorrer das análises.

Quadro 8: Perfil dos professores investigados quanto a faixa etária

Professor	Faixa etária
1	26 a 30 anos
2	31 a 35 anos

Fonte: BRITO, 2012

O professor de educação física é casado e o de geografia solteiro

Quadro 9: Perfil dos professores investigados quanto ao estado civil

Professor	Estado Civil
1	Solteiro
2	Casado

Fonte: BRITO, 2012.

Em relação ao tempo em experiência docente, o professor de geografia afirmou que possui entre 3 a 5 anos, já o docente em educação física possui entre 6 a 10 anos.

Os dois professores responderam que pretendem continuar lecionado na escola pesquisada, pois relataram que gostam muito de trabalhar nela, afirmaram que tem autonomia, boas relações com os funcionários e com os alunos.

O que dizem os professores que participaram da pesquisa sobre a relação família e escola.

Quando questionei aos professores que participaram da pesquisa se conheciam as famílias dos alunos os dois professores responderam afirmando que conhecem as famílias de alguns dos seus alunos. No entanto relataram que sentem falta da presença da família no cotidiano da escola, segundo eles falta interesse dos pais. Contudo, ao mesmo tempo, os professores afirmaram que a escola não faz nada para que haja uma aproximação maior com as famílias dos alunos. Diante disso, percebe-se nas falas dos investigados que para eles a escola não estabelece mecanismos para estimular a participação dos pais no âmbito escolar.

Em relação ao que os professores acham que devem fazer para estabelecer uma boa relação com a família, o professor de Geografia respondeu que deve conhecer a realidade social das famílias dos seus alunos, para que assim possa estabelecer relações que venham favorecer a todos. O professor de Educação Física respondeu a mesma coisa. O docente em Educação física também escolheu outra alternativa, na qual disse que é importante conversar com os demais funcionários da escola para que recebam bem os familiares de acordo com a perspectiva da gestão participativa.

Os professores foram questionados sobre os assuntos que eles abordam quando têm contato com a família: o professor de geografia respondeu que iria participar ao responsável sobre dificuldades apresentadas por seus alunos no processo de aprendizagem. O educador físico respondeu que explicaria para o chefe da família como

a família pode desempenhar o seu papel para um rendimento eficaz na aprendizagem de seus filhos. Com isso, fica nítido que os professores acreditam que os pais podem ajudar no processo de desenvolvimento cognitivo dos jovens. Uma vez que a família e a escola juntas podem ajudar o discente a desenvolver-se com eficácia. É nessa linha de pensamento que Szymanski (1997) indica que, escola e família são instituições que têm em comum a preparação das crianças para uma futura inserção na sociedade. A família é uma instituição em transição como outras tantas em nossa sociedade, o que é natural em uma sociedade em progresso. A família parece estar procurando se ajustar aos novos movimentos e ideários sociais, o que nos parece perfeitamente normal. Se compararmos a família de hoje com há de dez anos atrás, observaremos diferenças, mas não necessariamente desequilíbrio.

Quando questionamos os professores se percebem diferenças no desempenho escolar e no comportamento entre os alunos em que os pais estão presentes no âmbito de ensino com aqueles que os pais não estão, o professor de geografia respondeu que percebe a diferença no desempenho escolar, o de educação física afirmou que percebe tanto no desempenho escolar como no comportamento. Partindo do pressuposto dessas respostas podemos afirmar que o acompanhamento dos pais na educação dos seus filhos é imprescindível. Para Carvalho (2004), com o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos, em casa e na escola, pode-se melhorar o desempenho acadêmico desses.

Ao perguntar a opinião dos docentes sobre se a escola estabelece mecanismos para que haja participação dos pais na vida escolar dos filhos e sendo positiva a resposta do professor de Geografia, solicitei que ele especificasse quais são esses mecanismos. O professor de Geografia respondeu que a escola realiza reuniões com os pais, entrega boletim escolar e coloca os resultados no mural da escola; já o professor de Educação física afirmou que a escola não estabelece nenhum mecanismo.

Em relação às dificuldades encontradas para estabelecer uma relação com as famílias dos seus alunos, o docente de geografia afirmou que falta tempo por parte dos pais; entretanto o de educação física disse que não percebe interesse por parte deles. Percebe-se que os dois colocam a responsabilidade de não haver essa participação na família. São vários os conflitos entre a família e a escola, por um lado os pais reclamam dos professores por outro os professores fazem a mesma coisa. A partir destas

colocações, vê-se que a relação família-escola está permeada por um movimento de culpabilização e não de responsabilização compartilhada, além de estar marcada pela existência de uma forte atenção da escola dirigida à instrumentalização dos pais para a ação educacional, por se acreditar que a participação da família é condição necessária para o sucesso escolar (OLIVEIRA, 2002).

Em relação às orientações que os professores devem fornecer aos demais funcionários da escola, eles afirmaram que: conversam com eles para que recebam bem os pais. Quando questionados se a escola oferece subsídios para que eles criem mecanismos para aproximação com as famílias dos seus alunos, o professor de Geografia respondeu que sim; já o de Educação física afirmou que não. Mais uma vez os docentes divergem quanto aos procedimentos da escola.

Quando questionados sobre o que acham da importância das atitudes dos pais em relação ao sucesso de aprendizagem de seus filhos, os dois docentes afirmaram que os responsáveis devem participar nas tomadas de decisões, junto com todos os profissionais da escola, visando à qualidade na aprendizagem de seu filho. Para Luck (2008) a participação coletiva estimula e cria oportunidades para que seus integrantes possam sentir-se responsáveis pelo seu trabalho, assumindo de maneira efetiva sua contribuição nas transformações sociais, visando à busca de resultados concretos.

Os dois docentes responderam que as famílias atribuem importância ao trabalho desenvolvido por eles no contexto escolar. Quanto ao que representa para eles o apoio da família para o sucesso de aprendizagem dos seus alunos os dois responderam que é imprescindível.

Percebe-se que os docentes acreditam que a presença dos pais no âmbito escolar, é muito importante para a aprendizagem dos jovens, uma vez que, que percebem que no cotidiano escolar, os discentes que tem o apoio dos pais têm uma melhor desenvoltura nos processos educativos comparados aos que não tem.

Também participaram da pesquisa dois gestores da escola, contribuindo assim para o alcance do objetivo desse trabalho monográfico. Os questionários foram aplicados com a Diretora e com o Secretário.

Perfil geral dos gestores que participaram da pesquisa

Participou da pesquisa o secretário da escola que é graduado em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), possui pós-graduação em literatura brasileira. Além do Secretário participou também da pesquisa a diretora da Escola, que é graduada em Letras português- inglês pela Faculdade de Formação de Professores de Petrolina (FFPP) - Penedo-Alagoas, possui pós-graduação em Educação e Gestão e pelo Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e literatura brasileira. Os dois têm acima de 40 anos.

Quadro 10: Perfil dos gestores investigados quanto ao sexo

Gestor	Sexo
Secretário	Masculino
Diretor	Feminino

Fonte: BRITO, 2012

Quadro 11: Perfil dos gestores investigados quanto a Faixa Etária

Gestor	Idade
Secretário	Acima de 40 anos
Diretor	Acima de 40 anos

Fonte: BRITO, 2012

Quanto ao estado civil a diretora é divorciada e o secretário casado.

Quadro 12: Perfil dos gestores investigados quanto ao Estado Civil

Gestor	Estado civil
Secretário	Casado
Diretor	Divorciado

Fonte: BRITO, 2012

Percebe-se, no quadro abaixo, que os gestores não têm muito tempo de experiência nessa instituição. O secretário afirmou que não pretende voltar para sala de aula, pois, segundo ele não tem mais paciência para lecionar; já a diretora pretende, porque acha estressante gerir uma escola.

Quadro 13: Tempo de experiência enquanto gestor da instituição

Gestor	Tempo
Secretário	Até dois anos
Diretor	3 a 5 anos

Fonte: BRITO, 2012

Relação escola e família na ótica dos gestores investigadas

Quanto à participação dos pais na escola os dois gestores afirmaram que se dá de forma reduzida. Ressaltaram que tem ciência que isso é prejudicial para escola, pois acreditam que através da presença deles a escola poderia utilizar métodos que atendessem a realidade local, visando o desenvolvimento da criança. O Estatuto da Criança e do Adolescente (E. C. A) em seu parágrafo único indica que é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais. O direito inalienável dos pais a participar na educação de seus filhos no contexto formal da escola é uma conquista recente, especialmente em democracias retardatárias como é o caso do Brasil. Apesar de ter direito, de está na legislação, vários são os fatores que contribuem para que os pais não frequentem a escola, como: falta de tempo, muitos não tem interesse, alguns acham que a escola só serve para garantir o bolsa família, entre outros.

O Secretário e a Diretora afirmaram que acham necessário que sejam desenvolvidas atividades buscando mais participação da família nessa instituição. Ao serem questionados sobre, se está sendo desenvolvido algum trabalho visando à participação dos pais nesse âmbito, a diretora respondeu que sim; já o secretário afirmou que não. Percebe-se nessas afirmações que há uma contradição nas respostas dos investigados. No entanto, é preciso que haja uma organização por parte dos gestores, pois eles precisam analisar se está sendo ou não desenvolvido, para que assim cheguem a um consenso e percebam o que deve ser feito.

Os gestores afirmaram que o rendimento escolar dos alunos que tem a participação da família na escola é bom. Com isso, fica nítido, que as crianças com apoio dos pais, têm um desenvolvimento diferenciado daqueles que não o tem, uma vez que é dever da família proporcionar condições necessárias para que os jovens se desenvolvam. Nogueira (1998) explica que a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos, pode influenciar, de modo efetivo, o desenvolvimento escolar.

A opinião dos gestores em relação ao que gera a ausência de alguns pais no acompanhamento da vida escolar dos seus filhos, os dois afirmaram que está associada à falta de tempo por questões de trabalho. A Diretora afirmou também que se deve a falta de comunicação dos pais com a escola.

Nota-se que os pais são trabalhadores, e no que diz respeito a essa pesquisa, como já foi ressaltado no capítulo I, a mãe e a irmã responsável desempenham o duplo papel de pai e mãe ao mesmo tempo – que possuem filhos na escola pública precisam trabalhar o dia inteiro e à noite ainda possuem um lar para administrar. Isso faz com que conscientemente, ou não, deixem recair sobre a escola todas as responsabilidades pelo aluno. A escola tem que dar conta de alfabetizar, de educar, de cuidar, de promover formação de caráter, de ensinar bons modos e, aos olhos desses pais, tudo isto deve estar sob a responsabilidade do diretor, que muitas vezes é visto como autoridade máxima da escola e dos professores. O que muitos pais não sabem é que, por vários motivos, a direção da escola é impotente às forças hierárquicas que a regem e o diretor acaba não passando de um funcionário cumpridor de ordens como qualquer outro, no entanto é importante ressaltar que mesmo submissa por uma hierarquia, uma boa gestão pode influenciar de forma positiva o desempenho da escola, uma vez que é importante a

colaboração de todos os envolvidos. Essa impotência faz com que se associe à figura do diretor o negativismo e a ideia de incompetência.

Quando falam sobre a função social da escola a diretora afirma que é contribuir para o desenvolvimento global do ser humano; já o secretário afirma que é moldar o comportamento do sujeito num processo progressivo.

Em relação à função social da família o Secretário afirmou que é contribuir para o desenvolvimento da criança para a vida em sociedade. A Diretora concorda com o seu colega de trabalho, no entanto ela afirma também que a família deve desenvolver a sociabilidade, a afetividade e o bem estar físico dos seus filhos e influenciar positivamente no processo de formação e desenvolvimento do sujeito.

Querendo entender como é o comportamento dos demais funcionários em relação ao referido tema, questionei como os demais contribuem para que haja participação dos pais nesse âmbito, os dois responderam que eles contribuem muito, no entanto o Secretário afirmou que não são todos, porém os que se preocupam em aproximar a família da escola tem uma postura ativa para que isso ocorra.

Na opinião da diretora os pais devem comparecer a escola para saber sobre o comportamento de seus filhos e participar com todos nas tomadas de decisões no que diz respeito aos assuntos escolares. Já o secretário ressaltou que os pais devem comparecer à Escola ao serem convidados para reuniões dos pais, ele afirmou que é através dessas reuniões que os responsáveis recebem instruções, para que assim tenha inicio a um processo de conscientização, para que haja a participação de fato.

Na opinião do secretário gestão democrática é: descentralização e autonomia na escola, a diretora concorda com ele e afirma também que é participação social no planejamento. Com isso, é valido ressaltar que, para que uma escola esteja de acordo com o princípio democrático, deve ter dois princípios básicos, participação e autonomia. Para Libâneo, (2001, p. 115.) Significa a possibilidade da escola traçar seu próprio caminho, envolvendo professores, alunos, funcionários, pais e comunidade, unidos no sentimento de co-responsabilidades pelo êxito da instituição. No entanto, isso só ocorrerá, como já foi ressaltado anteriormente, no momento em que a escola repartir seus anseios e projetos com todos os envolvidos no processo de aprendizagem dos alunos.

Por fim, foram questionados quais foram os maiores desafios dessa Escola para atender a diversidade dos indivíduos que dela participam, a Diretora afirmou que é: assumir, compreender e respeitar essa diversidade e renovar toda a estrutura educacional, deixando para trás o ensino tradicional. O Secretário concorda com o ultimo posicionamento da sua colega. Com isso percebe-se, que são muitos os desafios a serem enfrentados nessa instituição.

Através de alguns dados que encontrei nos documentos da escola e conversando com as famílias, procurei traçar um perfil dos alunos investigados, já que o meu contato com eles não foi possível, devido à greve dos professores da rede Estadual de ensino, que resultou na suspensão das aulas.

Perfil dos alunos que participaram da pesquisa

Em relação aos alunos, não pude aplicar questionários com eles, no entanto procurei documentos na escola que trouxessem subsídios para traçar o perfil geral dos mesmos.

Foram investigados dois alunos do sexto ano B, um do sexo masculino e a outra do sexo feminino, no primeiro caso a criança tem 11 anos, nunca reprovou, é um aluno comportado, almeja ter uma boa profissão no futuro, segundo a mãe dele ela deixa bem claro que só será possível se ele estudar o suficiente para isso. Já no segundo caso a investigada é do sexo feminino, tem 12 anos, reprovou no quarto ano. Com essa participante tive a oportunidade de conversar um pouco, no entanto isso ocorreu antes da pesquisa de campo, mas como tenho curiosidade de compreender a realidade dos alunos no universo familiar, em uma das nossas conversas escutei e questionei sobre essa questão.

A aluna disse que almeja ser advogada, espera ter um futuro promissor e vê na escola à única forma de realizar seus sonhos. Ela relatou que ajuda nas atividades domésticas, diz que quase não sobra tempo para estudar, afirmou que gosta de estar na escola, porque não gosta de ficar em casa fazendo as atividades domésticas e brigando com os irmãos.

Diante dessa analise dos dados, percebe-se, nas falas dos investigados, uma relação conflituosa entre as famílias e a escola, já que a família afirma que a escola não estabelece mecanismos para que essa participação venha de fato ocorrer; já os docentes

e os gestores disseram que não percebem interesse por parte dos pais em relação ao acompanhamento do universo escolar dos seus filhos. É nessa perspectiva que Cunha (2000, p. 447) afirma que elas encontram-se em profundos conflitos:

> [...] Se aos pais, possivelmente obteremos uma extensa lista de insatisfações quanto à escola que cuida de seus filhos. Se fizermos a interrogação aos professores, é provável que estes apontem inúmeros aspectos em que as famílias deixam a desejar. No momento, vemos fatos que contrapõem o lamentável quadro de violência que atinge as instituições e a todos preocupam.

No entanto, mesmo com todo esse conflito, percebe-se, que tanto os pais, como os professores e os gestores, tem um pensamento em comum, todos eles veem na escola uma forma dos discentes conseguirem desenvolver-se enquanto cidadãos para desempenhar uma função social na sociedade pós-moderna, porém o que falta é a interlocução da família e dos educadores, para que assim todos os envolvidos exponham o que acha melhor para que sejam desenvolvidos métodos eficazes para o desenvolvimento dos jovens dentro da perspectiva das necessidades dos alunos.

Toda essa reflexão deve girar em torno da construção de uma parceria que vise à busca de alternativas para uma educação de qualidade através de uma relação de respeito entre todos os envolvidos no contexto escolar.

É nessa reflexão que se desenvolveu essa pesquisa, uma vez que todos os investigados demonstraram interesse pelo tema, pois todos acham necessário o envolvimento dos pais, dos professores e dos funcionários da escola para o desenvolvimento dos jovens. Isso significa um avanço, já que todos tem ciência de que algo precisa ser feito para que essa participação seja efetivada dentro do contexto da gestão participativa. O objetivo central da pesquisa foi atingido, esse estava em torno de analisar a relação família e escola como componente da gestão participativa, uma vez que através da analise dos dados foi observado como é a participação de todos na escola investigada.

CONSIRERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo, analisar a relação família e escola como componente da gestão participativa. A analise tomou como ponto de partida responder ás questões norteadoras sobre como é a relação família e escola na instituição pesquisada e quais são os anseios dos professores, das famílias e dos gestores investigados sobre a presença da família no ambiente escolar.

Procurei alcançar o objetivo desse trabalho monográfico através das análises dos dados fornecidos por questionários aplicados com os professores, gestores e famílias.

Com o desenvolvimento dessa pesquisa pude perceber que as famílias anseiam pelo sucesso escolar dos estudantes, no entanto são muitos os desafios inerentes no que diz respeito à relação entre a família e a escola, pois muito ainda precisa ser feito para que a escola pesquisada tenha os pais presentes no contexto escolar, interferindo e ratificando as decisões pedagógicas.

Foi possível constatar com o desenvolvimento dessa pesquisa que um fator comum no pensamento das famílias e dos educadores é que eles têm ciência que é imprescindível à participação de todos em prol de uma educação que vise o desenvolvimento integral da criança e do adolescente.

Para tanto, torna-se necessário que os membros da equipe escolar organizem suas atividades anual visando à participação da família na escola, buscando conhecer a realidade social dos seus alunos, proporcionando também que os pais conheçam a proposta pedagógica da escola. Desta maneira a escola poderá trabalhar de acordo com as necessidades de cada aluno e a família se sentirá mais a vontade para participar das atividades e acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos.

Enquanto pesquisadora acredito que os objetivos dessa pesquisa foram atingidos, no sentindo de entender como é a relação entre a família e a escola na instituição investigada, entretanto muita coisa ainda precisa ser pesquisada, sendo a temática família e escola como componente da gestão participativa muito abrangente, ficando a espera de uma nova investigação para serem comprovadas ou refutadas.

Referências

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em:<http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf205a214.htm>. Acesso em: 01/10/10

_____. Lei 8.069/90. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde, 1991.

_____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aumenta número de famílias chefiadas por mulheres com cônjuge**. IBGE detecta mudanças na família brasileira.
Disponívelem<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774>. Acesso em 12/04/2012.

_____: **LDB**: **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9.394, de 1996. 2º ed. 2001.

_____. **L**ei 9394/96**. Lei de Diretrizes e Bases.** Jus Brasil, 1996. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/anotada/2706788/art-1-da-lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>. Acesso em: 04/12/2011.

BERTAN, L. **A Relação Escola–Família: Um Espaço Negado aos Pais?** Disponível: em<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/view/212>.ColloquiumHumanarum. Acesso em: 11/12/2011.

BORDIEU, P. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRUSCHINI, C. **"Gênero e trabalho no Brasil**: **novas conquistas ou persistência da discriminação?"** (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, M. I. B. da (org.). Trabalho e gênero – mudanças, permanências e desafios. Campinas, ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG, São Paulo, Editora 34, 2000.

CASAGRANDE, N**. O processo de trabalho sob o modo de produção capitalista na instituição escolar – a que será que se destina?** Disponível em: http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/436.htm. Acesso em 13/04/2012.

CARVALHO, MARIA E. P. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abr. 2004.

CARVALHO, M.C.B. de (org). **"A família contemporânea em debate"**. IN:

SZYMANSKI, H. Teorias e “Teorias” de famílias, São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000, p.23-27.

CUNHA, M.V. A escola contra a família. In: Lopes. E.M.T.; FARIA FILHO,L.M; VEIGA, C. G. (org). **500 anos de educação no Brasil**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DEWEY, J. **Como pensamos**: **como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo (uma reexposição).** 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959a.

_____. **Democracia e educação**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959b.

_____. **Experiência e educação**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

DEMO, P. **Participação é conquista.** São Paulo: Cortez, 2001.

DURKHEIM, É**. Educação e sociologia.** 11ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FRANCISCO, I. J. **A atuação do diretor de escola pública: determinações administrativas e pedagógicas do cotidiano escolar**. PUC/SP: 2006. Disponível em < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Pedagogia/cp018921.pdf> Acesso em: 11/06/2011.

GOHN, M. G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** “IN”: Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan/mar. 2006.

HÜBNER, M. M.; MARINOTTI, M. **“Crianças com dificuldades escolares”.** In: SILVARES, E. F. M. (Org.). Estudos de caso em Psicologia Clinica Comportamental Infantil. Campinas: Papirus, 2000.

LAVINAS, L. **Gênero, cidadania e políticas urbanas.** In: Globalização, fragmentação e reforma urbana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

LASCH, C. **A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S**.; Educação escolar: políticas estrutura e organização.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação)

_____. **Organização e Gestão da Escola**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LUCK, H. **A Gestão Participativa na Escola**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Série

Cadernos de Gestão.

_____. **Gestão Participativa na Escola.** Série: Cadernos de Gestão. Vol.III Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

KALOUSTIAN, S. M. **Família Brasileira a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1994.

MINAYO, M.C. De S. (org) Pesquisa: **teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: vozes, 2003.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004

_____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE A FOME. Brasilia, DF: Bolsa família, março de 2012. Disponível em <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia> Acesso em: 01/06/ 2012.

NASCIMENTO. WILSON PASSOS. **Projeto político e pedagógico: do Colégio Estadual Doravante.** Nossa Senhora do Socorro, 2008.

NETO, C. O. **O trabalho de campo como descoberta e criação.** In: Minayo, M.C. De S.. Pesquisa social*:* teoria, método e criatividade. 23ª. Petrópolis: Vozes, 2004, p.51-66

NOGUEIRA, M. A**. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação**. Paidéia, Ribeirão Preto, FFCLRP-USP,v. 8, n.14/15,p. 91-103, fev-agosto, 1998.

_____.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA M. A. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Revista Educação e Sociedade, São Paulo, ano 23, n. 78, p. 15-36, abr. 2002.

Oliveira, L. C. F. **Escola e família numa rede de desencontros: um estudo das representações de pais e professores**. São Paulo: Cabral Editora, 2002.

PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. 3. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

_____. **Gestão democrática da escola pública**. 3. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

PENIN, S. T. S; VIEIRA, SOFIA. L. **Refletindo sobre a função social da escola**. In: VIEIRA, S. L. (Org.). Gestão da escola – desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DP&A,

2002.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação**. José Olympio ed. 15ª edição. Rio de Janeiro, 1972/2000.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. Sergipe: SED, 2012. Disponível em:<http://www.seed.se.gov.br/redeestadual/Escola.asp?chkAno=2012&cdEscola=376&mapa=M>>. Acesso em: 31/05/2012.

SILVA, M. B. **Conselho de classe: espaço de análise, reflexão e avaliação do trabalho pedagógico.** Disponível em: < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/574-4.pdf> acesso em 10/04/2012.

SZYMANSKI, H. **Encontros e desencontros na relação família-escola**. Ideias, 25, 213-225. Vol. 3, 1997.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 7. ed. São Paulo: Libertad, 1989.

WEFFORT, F. **Escola, participação e representação formal**. Petrópolis: Vozes, 1995.

APÊNDICES

Questionário para família

Bloco I: perfil Geral (Família)

1-Qual o grau de parentesco que você tem com o aluno?_____

2-Sexo: a) ( ) F b) ( )M

3-Faixa etária: a) ( ) 25 a 30 b) ( ) 30 a 34 c) ( )35 a 39 d) ( ) 40 a 44

e) ( ) 45 a 49 f) ( )50 a 54

4. Estado Civil: a) ( ) solteiro b) ( ) casado(a) c) ( ) mora junto

d) ( ) separado e) ( ) divorciado

5- Escolaridade:

a) ( )concluiu o ensino fundamental b) ( ) não concluiu o ensino fundamental

c) ( ) concluiu o ensino médio d) ( ) não concluiu o ensino médio

e) ( ) concluiu o curso superior f) ( ) não concluiu o curso superior

g) ( ) concluiu pós-graduação h ( ) não concluiu pós-graduação

i) ( ) nunca frequentou a escola

6- Renda mensal da família:

a) ( ) 1 salário mínimo b) ( )1 a 2 salários mínimo c) ( )3 a 4 salários mínimo

d) ( ) 5 a 6 salários mínimo e) ( )não tenho renda estabelecida

7- Você recebe ou é atendido (a) por algum programa do governo, se sim, qual?

a) ( ) sim b) ( ) não

_____

8- Qual a sua ocupação atual: _____

9- Quantas pessoas moram em sua casa:_____

10- Como é a relação entre os membros da sua família?

a) ( ) ótima b) ( ) boa c) ( ) ruim d) ( ) péssima

Bloco temático II (Relação com a escola)

11-Em que série está o seu filho?_____

12-Se seu filho está com problemas na escola qual sua atitude?

a) ( )Dá uma surra e coloca de castigo b) ( ) conversa com ele

c) ( ) Vai à escola conversar com os professores d) ( ) todas as alternativas anteriores

13- Como é a sua relação com a escola que seu filho estuda?

a) ( ) Ótima b) ( ) Boa

c) ( ) Ruim d) ( ) Péssima

14- Você conhece o professor (a) do seu filho?

a) ( )Sim b) ( ) Não

15- Se você encontrasse com o professor do seu filho o que conversaria com ele?

a) ( )Sobre o comportamento dele

b) ( ) Sobre notas

c) ( ) Sobre as possíveis dificuldades no processo de aprendizagem

d) ( ) Sobre o método apresentado pela a escola

16- Você comparece às reuniões de pais ao ser convocado?

a) ( ) Sim b) ( ) Não

17-De que forma você contribui em casa, no processo de aprendizagem do seu (a) filho (a)?

a) ( ) Levando a se interessar pela leitura

b) ( ) Através de recadinho para a professora

c) ( ) Conversando

d) ( ) Não contribuo muito

e) ( ) Acompanhando diariamente as atividades escolares

f) ( ) Incentivando e estimulando nos estudos

18- Em sua opinião se seu filho tiver algum problema na escola, como isso pode ser resolvido?

a) ( ) Briga com o professor, pois acha que seu filho está com a razão sempre

b) ( ) Acha que o professor sempre está certo e não escuta seu filho

c) ( ) Não participa, pois acha que esse é um problema do professor, então ele que resolva

d) ( ) Briga com seu filho

19- Em sua opinião como você gostaria que fosse a articulação família-escola?

a) ( ) Relação harmoniosa e integrada

b) ( ) Que a escola resolvesse todas as questões de comportamento e aprendizagem de seu filho

c)( ) Que a escola envolvesse mais os pais em seu cotidiano

20- Quando seu filho tem resultados negativos, qual a posição que você toma?

a) ( ) Conversa com o professor, para ver o que pode fazer no intuito de ajudar o seu filho

b) ( ) Conversa apenas com seu filho, pois é responsabilidade dele obter boas notas

c) ( ) Coloca seu filho de castigo, pois não permiti que isso aconteça

d) ( ) Converso com o professor e com a criança

21- Como você avalia as reuniões que ocorrem na escola de seu filho?

a) ( ) Um momento de orientação aos pais de como contribuir no processo de aprendizagem dos seus filhos.

b) ( ) Uma ação repetitiva da escola.

c) ( ) Um momento para tratar de assuntos burocráticos.

d) ( ) Não tenho opinião formada.

e) ( ) Um momento em que os pais são ouvidos.

22- Você participa ou já participou de algum trabalho voluntário na escola de seu filho?

a) ( ) Nunca participo b) ( ) Já participei c) ( ) Participo sempre

f) ( ) Não tenho tempo

23-Você conhece algum trabalho voluntário realizado na escola?

a) ( ) sim b) ( ) não

24-Em sua opinião, qual a função social da escola?

a) ( ) Contribuir para o desenvolvimento global do ser humano.

b) ( ) Preparar para o mercado de trabalho

c) ( ) Moldar o comportamento do sujeito num processo progressivo.

25-Como é sua relação com os demais professores e outros funcionários?

a)( ) Ótima B) ( ) Boa c) ( ) Ruim d) ( ) Péssima

Questionário para os professores

Bloco I: perfil Geral

1-Formação em:_____

2- Instituição de formação: _____ a) ( )Particular b) ( ) Pública

3- Possui algum curso de pós-graduação?

a) ( ) Não b) ( ) Sim

Qual?

_____

4- Sexo: a) ( ) F b) ( ) M

5. Faixa etária: A) ( ) até 20 anos B) ( ) 21 e 25 anos C) ( ) 26 a 30 anos

D) ( ) 31 a 35 E) ( ) acima de 35 anos

6- Estado Civil: a) ( ) solteiro b) ( ) casado c) ( ) mora junto

d) ( ) separado E)( )Divorciado

7-. Possui quantos anos de experiência docente:

a) ( ) 2 anos b) ( ) entre 3 e 5 anos c)( ) entre 6 e 10 anos d)( ) mais de 10 anos

8-Há quanto tempo leciona nessa instituição?

a) ( ) 2 anos b) ( ) entre 3 e 5 anos c)( ) entre 6 e 10 anos d)( ) mais de 10 anos

9- Pretende continuar lecionando aqui:

a) ( ) Sim b) ( ) não

Bloco II-(Relação família escola)

10- Você conhece a família dos alunos?

a) ( )Sim, conheço a família de todos b) ( ) Sim, conheço a família da maioria

c) ( )Sim, conheço apenas as famílias de alguns d) ( ) Não, não conheço nenhuma das famílias

11- O que você acha que o docente deve fazer para estabelecer uma boa relação com a família?

a) ( ) Conhecer a realidade social das famílias dos seus alunos, para que assim possa estabelecer relações que venham favorecer a todos.

b) ( ) Procurar não reclamar dos seus alunos todas as vezes que os pais visitam a escola, pois é importante mostrar o lado positivo dos mesmos.

c) ( ) Não posso fazer nada, pois quem tem obrigação de fazer isso é a equipe diretiva.

d) ( ) Estabelecer mecanismos, no qual atenda a individualidade de cada família, visando a acessibilidade de todos no âmbito escolar .

e) ( )Conversar com os demais funcionários da escola para que receba bem os familiares de acordo as perspectivas da gestão participativa.

12- Quando você tem contato com a família de seus alunos quais são os assuntos que você aborda?

a) ( ) Dificuldades apresentadas por eles no seu processo de aprendizagem.

b) ( ) A importância da sua contribuição para o sucesso escolar de seus filhos.

c) ( ) Como a família pode desempenhar o seu papel para um rendimento eficaz na aprendizagem de seus filhos.

13- Você percebe diferenças no desempenho escolar e no comportamento entre os alunos que os pais estão presentes no âmbito escolar com aqueles que os pais não estão?

a)( ) no desempenho escolar b) ( ) no comportamento c)( ) nos dois

d) ( ) em nenhum dos dois

14- Em sua opinião a escola estabelece mecanismos para que haja a participação dos pais na vida escolar dos filhos? Sendo a resposta sim, quais são esses mecanismos?

a) ( ) Sim b) ( ) não

_____

_____

_____

_____

15- Quais são as dificuldades que você, enquanto professor enfrenta para estabelecer uma relação com as famílias de seus alunos?

a) ( ) Falta de tempo dos pais.

b) ( ) Você não percebe interesse por parte dos pais para essa participação

c) ( ) Espaço físico inadequado dificulta a possibilidade de estabelecer essa relação .

d) ( ) Enquanto professor não tem tempo para se dedicar a isso.

c) ( ) Não acho importante, pois percebo que a família presente na escola só atrapalha.

16- Em seu contato com os funcionários da escola você conversa com eles sobre a importância da participação dos pais na educação dos alunos?

a) ( )Sim b) ( )Não

17- A escola oferece subsídios para que você crie mecanismos para aproximação com as famílias de seus alunos?

a) ( )Sim b) ( ) não

18- O que você acha mais importante nas atitudes dos pais em relação ao sucesso de aprendizagem de seus filhos?

a) ( )Orientar apenas no dever de casa.

b) ( )Frequentar as reuniões da escola.

c) ( )Participar nas tomadas de decisões, junto com todos os profissionais da escola, visando a qualidade na aprendizagem de seu filho.

19- Você acha que a família atribui muita importância ao seu trabalho?

a) ( )Sim b)( ) não

20- O que representa o apoio da família para o sucesso na aprendizagem de seus alunos?

a)( )Importante b)( ) necessário b)( )imprescindível

Questionário para os gestores

Bloco I: perfil Geral

1-Qual seu cargo na instituição? _____

2-Formação em:_____

3- Instituição de formação: _____

a) ( ) Particular b) ( ) Pública

4- Possui algum curso de pós-graduação, se sim qual?

a) ( ) Não b) ( ) Sim

_____

5. Faixa etária: a) ( ) 25 anos b) ( ) 25 a 30 anos C) ( ) 30 a 35 anos

d) ( ) 35 a 40 E) ( ) acima de 40anos

6- Estado Civil: a) ( ) solteiro b) ( ) casado c) ( )mora junto

d) ( ) separado E) ( )Divorciado

7-. Possui quantos anos de experiência enquanto gestor dessa instituição?

a) ( ) até 2 anos b) ( ) entre 3 e 5 anos c) ( ) entre 6 e 10 anos

d) ( ) mais de 10 anos

8-Pretende voltar a lecionar?

a)( ) sim b) ( ) não

9-Se pretende voltar a lecionar, por quê?

a) ( )Por que se identifica mais com a sala de aula
b) ( )Porque a responsabilidade em gerir é muito grande
c) ( )Por que não me identifiquei com o papel de gestor
d) ( ) outros

Bloco II-(Relação escola e família)

10-A participação dos pais na escola se dá de que forma nessa instituição?

a) ( ) boa b) ( ) razoável c) ( ) Reduzida
d) ( ) inexistente

11- Você acha necessário que sejam desenvolvidas atividades buscando mais participação da família na escola nessa instituição?

a) ( ) sim b) ( ) não

12-Já está sendo desenvolvido algum trabalho visando à participação dos pais nesse âmbito?

a) ( ) sim c) ( ) não

13- Como é o rendimento escolar dos alunos que tem a participação da família na escola?

a) ( ) Bom b) ( ) Ótimo c) ( ) Ruim d) ( ) regular

14-Em sua opinião a que se deve a ausência de alguns pais no acompanhamento da vida escolar de seus filhos?

a)( ) Falta de tempo por questões de trabalho
b)( ) Falta de comunicação da escola
c)( ) Falta de comunicação dos pais com a escola

15- Em sua opinião qual a função social da escola:

a) ( ) Propiciar oportunidades de aprendizagem sistemática.

b) ( ) Contribuir para o desenvolvimento global do ser humano.

c) ( ) Moldar o comportamento do sujeito num processo progressivo.

16- E a função social da família?

a) ( ) Assistência no desenvolvimento cognitivo de suas crianças.

b) ( )Somando a contribuir para o pleno desenvolvimento das crianças para a vida em sociedade.

c) ( ) Preparar o sujeito para enfrentar as diversas situações de convivência social

d) ( ) Desenvolver a sociabilidade, a afetividade e o bem estar físico dos seus filhos

e) ( ) Influenciar positivamente no processo de formação e desenvolvimento do sujeito.

17- Os demais funcionários contribuem para que haja a participação dos pais nesse âmbito?

a) ( ) Pouco b) ( ) Muito c) ( ) Não contribuem

18- Em sua opinião como deve ser essa participação dos pais no âmbito escolar.

a)( ) Vim sempre à escola, para saber sobre o comportamento de seus filhos

b)( ) Vim quando for convocado para reunião dos pais

c)( ) Ajudar na limpeza, na merenda e nas demais necessidades da escola

d)( ) Participar junto com todos nas tomadas de decisões da escola

19- Em sua opinião gestão democrática é.....?

a)( ) Descentralização e autonomia na escola.

b)( ) Participação social no planejamento.

c)( ) Um fator primordial para o bom desenvolvimento das ações escolares.

d)( ) Respeitar a heterogeneidade e a individualidade da comunidade escolar.

20- Para você quais são os maiores desafios dessa escola para atender a diversidade dos indivíduos que dela participam?

a) ( ) estabelecer condições mais adequadas para atender a diversidade dos indivíduos.

b) ( ) Assumir, compreender e respeitar essa diversidade.

c) ( ) Renovar toda a estrutura educacional deixando para trás o ensino tradicional.

d) ( ) Outros. Especifique:_____

_____

_____

_____

_____